

Capítulo 9

Ocupação nas escolas no Ceará em 2016 e a construção da cidadania nos movimentos sociais na era da internet

Bárbara Lopes Rêdes

Primavera Secundarista: as ocupações no Brasil entre 2015/2016

No dia 23 de setembro de 2015 o governo do Estado de São Paulo anunciou através do Jornal Folha de São Paulo o plano de reorganização escolar da cidade causando uma indignação nos estudantes, pais e professores da cidade. Na visão desses atores sociais o foco principal dessa indignação seria a falta de debate e a redução na qualidade do ensino através de cortes de verbas. A postura da imprensa e do governo provocou um movimento de ocupação nas escolas, denominado “*Não fechem a minha escola*”, durante três meses foi criada uma rede horizontal entre estudantes, sociedade e professores, massificando o movimento através das plataformas de comunicação digital e da ocupação de escolas públicas, onde mais de duzentos prédios foram tomados, os alunos criaram uma série de páginas nas redes sociais, utilizaram um manual de ocupação escolar, vídeos, fotos e conseguiram adesão e participação da classe artística e da sociedade em geral. O levante pautou a grande mídia e com tanta pressão o governo

Alckmin, recuou nas muitas tentativas de “reintegração de posse” das escolas, com a rede pública quase em sua totalidade paralisada.

No Ceará, 05 (cinco) meses depois, no dia 28 de abril de 2016, após oito dias de paralisação das aulas pelos professores do Estado, que reivindicavam aumento salarial e melhores condições de trabalho, os estudantes ocupam o CAIC Maria Alves Carioca. No mesmo dia estudantes da Escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte, ocupam o prédio e aderem ao movimento. Antes do processo de ocupação os estudantes criaram páginas nas redes sociais, visitaram salas, realizaram assembleias para decidir juntos qual seria a melhor solução. Após algumas tentativas de conversa com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) e percebendo que não estavam avançando nas negociações, através de assembleia geral com o sindicato dos professores (APEOC), decidem ocupar as escolas. Os estudantes foram ocupando uma a uma até chegar a mais de 60 escolas no Estado do Ceará em três meses.

A pauta dos estudantes era a implantação do passe livre, diversificação no cardápio da merenda, reforma das escolas, recontração de professores demitidos, contratação de vigilantes noturnos, discussão de gêneros dentro do currículo de ensino, melhoria na qualidade da alimentação fornecida pelas escolas e na infraestrutura das escolas. Com uma semana de mobilização dez prédios foram ocupados e o movimento ganhou força e apoio de professores e demais integrantes da sociedade. Os estudantes resistiram durante três meses. A Secretaria de Educação do Estado queria falar com um líder do movimento, porém o movimento não tinha uma liderança específica, era um movimento horizontal, todas as discussões eram tratadas em assembleias na própria escola e entre as escolas ocupadas. O governo deveria negociar de escola em escola e com todas as ocupações. A Secretaria de Educação fez pressão e solicitou aos diretores das escolas a relação dos estudantes que estavam ocupando. Com essa relação, a SEDUC fez intimações a trezentos e vinte estudantes sobre supostos danos cometidos ao patrimônio público. A defensoria pública com o apoio

do CEDECA¹ conseguiu reverter o processo com o arquivamento das denúncias e o movimento finalizou com acordo entre os estudantes e o governo através da TAC-Termo de ajustamento de conduta, para acompanhar o cumprimento do acordo os estudantes criaram o FUMEP²

Os movimentos estudantis que aconteceram no Brasil, entre 2015 e 2016, tanto no Ceará quanto em São Paulo e no restante do País foram denominados de *Primavera Secundarista* e tiveram como referência os movimentos estudantis no Chile - *Revolta dos Pinguins*, em 2006 e 2011. A partir das experiências de ocupação e uso das redes sociais, os estudantes brasileiros, traduziram o manual³ elaborado pelos estudantes do Chile que construía um passo a passo de como ocupar sua escola. O manual explicava o plano de ação e dividia as ocupações por comissões (segurança, comida, imprensa, informação, limpeza e relações externas). O documento sugeria que os estudantes fizessem assembleias periódicas, coordenadas em todas as cidades para serem realizadas manifestações simultâneas. Eles criaram uma autogestão e foi com toda essa troca de experiência que os estudantes ocuparam as escolas públicas, iniciando em São Paulo e se espalhando por todo o Brasil, conectando-se através da internet principalmente pelas páginas no facebook criada por cada escola, constituindo uma grande rede de escolas.

“Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na corresponsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado do patrimônio público” (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO. 2016. pag. 13)

¹ CEDECA (Centro de defesa da criança e do adolescente)

² FUMEP – Forum unificado do movimento estudantil popular. <https://www.facebook.com/ForumUnificado/>

³ Manual Como Ocupar um Colégio: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colic3a9gio.pdf>

O Movimento formou uma grande rede horizontal em todo o País. Essa rede é multimodal, tanto na internet quanto no espaço urbano.

“Esse novo espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além dos detentores do poder sobre o poder da comunicação” (CASTELLS, 2013. 20) .

Diante desse contexto esse artigo tem o interesse de investigar os processos comunicativos do movimento de ocupação e insurgência dos jovens do Estado do Ceará. Pretende-se analisar como os estudantes criaram esses processos de comunicação próprios, através de postagens nas redes sociais da internet para fortalecer, produzir saberes e construir uma rede de ocupações nas escolas públicas estaduais do Ceará no ano de 2016 pela luta de seus direitos.

2. Justificativa e metodologia

Esse artigo visa compreender como foi o processo de mobilização de ocupação das escolas pelos estudantes no Ceará entre maio e agosto de 2016, a partir da utilização das redes sociais, especificamente o facebook, plataforma digital usada para produzir saberes, informar, conectar, fortalecer e dar voz ao movimento.

O trabalho possui uma perspectiva qualitativa e exploratória em relação às seguintes questões: como se deu o processo de uso das redes sociais e conexão para a mobilização? As redes sociais foram importantes para o movimento ganhar força e tomar amplitude? Qual a contribuição da ocupação das escolas no Ceará para o exercício da cidadania política dos estudantes?

A metodologia utilizada foi à pesquisa exploratória e análise de conteúdo. Como ponto de partida, precisávamos escolher as escolas que iríamos estudar, já que, no Ceará, ao todo, foram mais de 200 escolas ocupadas. Então, decidimos estudar a primeira escola a ser ocupada, Caic - Maria Alves Carioca, localizada na periferia da cidade de Fortaleza, no Bairro Bom Jardim, e a escola Aduino Bezerra, localizada no Bairro de Fátima, escola Central da cidade de Fortaleza.

A pesquisa se deu a partir da realização de um grupo focal com três estudantes da ocupação na escola Aduino Bezerra, realizada no dia 19/05/17 e participação em um seminário denominado “*Escolas em luta*”, realizado no dia 06/05/17, na qual cinco estudantes das escolas do Bom Jardim (CAIC, Julia Alves, Osiris Pontes) apresentaram relatórios sobre a ocupação no bairro, respondendo questões com a participação de cinquenta estudantes de ocupação nas escolas do Ceará, profissionais do CEDECA, professores e profissionais de diversas áreas. Ao todo, foram coletadas seis horas de áudio gravado do seminário e três horas de conversa com os três estudantes da escola Aduino Bezerra.

Todos os estudantes tinham, em média, entre 15 a 18 anos. Eram homens e mulheres. No grupo focal, a conversa foi dividida em três momentos. No primeiro momento, falamos sobre a formação da ocupação, depois o fortalecimento do movimento e, por último, o final do movimento e o legado deixado. No caso do seminário, foi dividido em três momentos: o primeiro momento em uma grande roda de conversa, com perguntas aos cinco estudantes; o segundo momento, uma roda de conversa com o autor do livro “Baderna - Escolas de Luta”, Jonas Medeiros, a equipe do CEDECA e Arquivo X (ONG); e o terceiro momento, a apresentação dos relatórios de ocupação do Bairro Bom Jardim.

A partir da definição dos atores (escolas ocupadas pelos estudantes), decidimos analisar o conteúdo das páginas das ocupações no facebook: @ocupaadauto (3559 curtidas), @escolasemlutace (7.049 curtidas) e @ocupacaic (2.582 curtidas)

e suas conexões com a cidade de Fortaleza. Analisamos as postagens das escolas e as atividades realizadas na construção do movimento.

3. Movimentos Sociais e Educação

3.1. Reformas Educacionais no Brasil

A partir de 1990, a gestão da educação no Brasil passa a ser tratada de acordo com as tendências mundiais, com influências dos organismos internacionais (Banco mundial e fundo monetário internacional), por meio da “*Declaração Mundial de Educação Para Todos*” que tem o objetivo de promover a universalização da educação e melhorar a qualidade do ensino a partir de critérios gerenciais. “Nessa reforma educacional, configura-se o modelo empresarial que tem no seu bojo a eficiência e a eficácia, o discurso da qualidade para fins quantitativos, a racionalização econômica e instrumental”. (PIOLLI, PEREIRA E MESKO, 2016. p 22). Esses critérios foram consolidados nas políticas públicas educacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN, Sistema de Avaliação da Educação Básica-SAEB, Fundo de Manutenção para o Desenvolvimento do Ensino Fundamental-FUNDEF, e na redefinição curricular baseado na formação voltada para o mercado de trabalho. Atendendo assim a demanda produtiva do capital.

Os fios das atuais reformas foram tecidos ao longo dos anos 1990 e culminaram com a proposta da “Nova gestão pública” (Bresser-Pereira, 1998), a qual focaliza os processos de desconcentração, descentralização, publicização, privatização, terceirização, controle e avaliação dos serviços prestados pelo estado como prioridades para melhorar o que se tornou um bordão jargão: “a qualidade da educação”. (GOHN, 2017. p. 89)

Nos anos de 2015 e 2016 a educação começa a viver ameaças concretas no Brasil, com a redução dos gastos federais, estaduais e municipais. Dentre eles podemos citar a reorganização escolar em São Paulo, a reforma do ensino médio, a medida provisória (PEC 241 - PEC 55) que congela com os gastos com educação e saúde para os próximos 20 anos e o Projeto de Lei (PL n. 193/2016), idealizado por Miguel Nagib e de autoria do Senador Magno Malta, “*Escola sem partido*”, projeto que censurava a educação, evitando o pensamento crítico, eles defendiam uma escola sem espaço para discussão da cidadania, garantia estabelecida na LDB (GOHN, 2017).

No Ceará, o Governo do Estado anunciava, ao final de 2015, o contingenciamento de 20% do financiamento referente à pasta da Secretaria de Educação para o ano de 2016, o que acarretou na redução do número de professores temporários, que desencadeou em abril na greve dos professores e nas ocupações nas escolas pelos estudantes em 2016. Além disso, as escolas estavam com infraestrutura precária, alimentação escolar de baixa qualidade, conforme podemos observar na nota técnica do CEDECA em visita as escolas:

Somando-se a isso, em visitas realizadas pelo CEDECA Ceará às escolas, foi possível perceber e ouvir dos estudantes uma série de denúncias sobre a violação dos direitos a educação, como a infraestrutura precária das salas de aula e dos espaços escolares, água contaminada em bebedouros, a suspensão de merenda escolar, alimentação escolar de má qualidade que não atende os parâmetros do PNAE, a desvalorização dos professores e a demissão de professores terceirizados, dentre outras. (Nota técnica, CEDECA) .

É dentro desse cenário da educação no País que levaram o ressurgimento do movimento dos estudantes secundaristas no Brasil.

3.2. Movimento Estudantil no Brasil

Movimentos sociais de estudantes são históricos e relevantes para a educação, “A área da educação tem sido, historicamente, fonte de demandas e reivindicações de todos os seguimentos sociais que compõem o seu universo” (GOHN, 2013. Cap1. 9).

Movimentos sociais pela educação abrange questões tanto de conteúdo escolar quanto de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais. Esses movimentos são fontes e agências de produção de saberes. (GOHN, 2017. p. 87)

Os jovens recebem influências variadas e participam na dinâmica da sociedade, através de diversas formas de expressão e identidade, são fontes e agências de produção de saber. O contexto escolar é um importante espaço para participação na educação. A participação na escola gera aprendizado político para a participação na sociedade em geral. (GOHN, 2010. 337). “As questões centrais no estudo da relação dos movimentos sociais são: participação, cidadania e o sentido político da educação.” (GOHN, 2013. Cap1. 8)

Lutas pela educação envolvem lutas por direitos e fazem parte da construção da cidadania. O tema dos direitos é fundamental, porque dá universalidade às questões sociais, aos problemas econômicos e às políticas públicas, atribuindo-lhes caráter emancipatório. É a partir dos direitos que fazemos o resgate da cultura de um povo e de uma nação, especialmente em tempos neoliberais que destroem ou massificam as culturas locais, regionais ou nacionais. (GOHN, 2010. 336)

Em seu último livro que tem como foco as manifestações e protestos no Brasil a partir de 2013, Gohn (2017), cita que os movimentos estudantis no Brasil passaram por 7 ciclos até hoje, são eles: primeiro ciclo em 1960, com as revoltas e passeatas; segundo ciclo a partir de 1975, quando a tensão continua entre os

militares e as forças democratizantes gerou uma dinâmica de concessões do regime e conquistas da sociedade dentro de uma conjuntura de resistência e luta democrática (Bringel, 2009, p.14); terceiro ciclo, na década de 1980, na conjuntura do movimento pela anistia e direta já; quarto ciclo são os caras pintadas durante o processo de impeachment de Collor; quinto ciclo as ocupações das reitorias durante os anos de 2007 e 2008; sexto ciclo a reorganização do movimento dos profissionais de Educação onde as greves de professores passaram a ser usuais no Brasil, a partir de 1988, quando a Constituição incluiu o direito de sindicalização dos funcionários públicos e outros e o sétimo e último ciclo as ocupações de secundaristas a partir de 2015: ensino médio e escolas técnicas.

O Recente ciclo de mobilização estudantil supõe um novo ponto de inflexão dentro das lutas estudantis brasileiras também no que se refere ao questionamento das dinâmicas organizativas e mobilizatórias das últimas duas décadas, a partir de uma maior horizontalidade da informação, da deliberação e a ausência de lideranças definidas. Em suma, frente à centralização, hierarquização e partidarização das lutas estudantis (expressado, nas últimas duas décadas pelo controle político dessas lutas pelos centros e diretórios de estudantes, a maioria cooptados por partidos políticos) aparece um formato mais movimentista. (BRINGEL, 2009:15-16)

A ocupação das escolas por todo o Brasil e no Ceará utilizou-se das novas tecnologias para trazer autonomia aos estudantes nas escolas, construindo uma identidade própria, uma relação de pertencimento com a sua escola. Eles criaram a escola com a educação que acreditam ser a ideal, aberta, participativa, livre, com debates sobre seus direitos, questões de gênero, étnicas, feminismo e diversos debates na construção cidadã. Os estudantes trocaram experiências com pessoas que visitavam as ocupações, com os professores, com os pais, artistas, intelectuais, educadores, a sociedade civil de forma horizontal. Respeitando o coletivo,

aprendendo a construir juntos e lutar pelos direitos de cidadãos. Em busca de uma educação descolonizada, integrada com o ambiente em que vive, uma educação libertadora, na qual estimulava a construção cidadã dos estudantes. No documentário Sintera de Fellipe Farias, ele faz entrevistas com os estudantes das escolas ocupadas, em um dos depoimentos os estudantes questionam o aprendizado: “Na escola eu aprendo fórmula, é claro que é muito necessário aprender tudo isso, mas existem outras coisas que são de extrema importância também que não são ensinada no nosso modelo de educação”. Freire (1996) faz um debate sobre essa questão ao associar tanto os saberes curriculares quanto a experiência social na formação educacional:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (Freire, 1996. P. 15)

Os estudantes também lutavam por uma educação com pensamento crítico, na qual possam desenvolver questionamentos, eles não queriam uma educação bancária. Sobre a educação bancária Freire (1997) questiona em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, uma educação que o educador não troca experiências, não comunica-se com o estudante, os estudantes recebem depósitos para que memorizem e possam repetir e ficar arquivados. “Não é de estranhar, pois que nesta visão “bancária, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em a si a

consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como transformadores dele.” (FREIRE, 1997. p. 34).

É dentro desse contexto que os estudantes criam o movimento de ocupação das escolas, com questionamentos sobre a educação atual no país, desde a infraestrutura, ao pensamento crítico e o currículo, ao debater e discutir todos os aspectos da educação.

4. Movimento em Rede: A Revolta das Canetas

Esses movimentos eclodiram por todo o mundo e, em todos os países, houve a mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusaram o espaço institucional tradicional. Uma onda de mobilizações protagonizada pelos jovens, um despertar coletivo não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma nova difusão, nas redes sociais da internet. (Harvey, 2012)

No novo ciclo de mobilizações pela educação, tanto no caso das ocupações das escolas públicas em 2015, como no Caso das ETecs em 2016, algumas características de junho de 2013 se repetem: a falta de mediadores e a ausência de lideranças. Ainda que haja uma organização e divisão interna de tarefas, apenas alguns estudantes têm a atribuição de se comunicar com a imprensa, dar entrevistas etc.; o elemento comum entre eles se chama movimento autonomista, alicerçado em princípios libertários. Devem ser incluídos entre os novíssimos movimentos pela forma de agir, inovações que trazem e o uso intensivo das redes sociais para toda organização, embora os princípios ideológicos sejam antigos, conforme resgate que fizemos para o caso do MPL. A tática das ocupações nas ruas ou nas escolas, ou o bloqueio de ruas ou cruzamentos de avenidas, são formas de expressão básicas da ação direta. A publicização dos atos faz parte das estratégias gerando também a politização (GOHN. 2017. p 99)

A Revolta das Canetas, como é denominado o movimento de ocupação dos estudantes no Ceará teve sua primeira ocupação no

dia 28 de abril de 2016. Iniciou-se a partir de uma assembleia com o sindicato dos professores (APEOC) e os estudantes que aconteceu no ginásio Paulo Sarasate. A partir desse dia, estudantes decidiram iniciar o processo de ocupação nas escolas, a ocupação deveria ser voluntária e debatida com cada grupo de estudantes de cada escola, através de assembleias. Nesse processo os grupos de estudantes criam páginas no facebook de cada escola, levam a discussão visitando as salas dos colégios e marcam assembleias para que fossem votadas as ocupações. Somente após a votação eram realizadas as ocupações.

A primeira escola a ocupar foi o Caic, localizado no bairro Bom Jardim. Iniciou a ocupação com 40 estudantes. No mesmo dia, estudantes ocupam a escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte. A cada dia uma nova escola ocupava, e o ato era postado em páginas no facebook, realizando uma grande pressão para que mais escolas fossem ocupadas, criando assim uma grande rede, conectada e a cada dia mais fortalecida. Ao todo, o movimento denominado Revolta das Canetas, mobilizou 67 escolas ao todo no Ceará.

Em todo o processo do movimento, ele se constitui de forma horizontal, desde o início das ocupações até o final delas todas as decisões eram tomadas pelo coletivo, de forma democrática. Esses movimentos são formados a partir de uma rede horizontal, multimodal (online e offline). Esses novos atores sociais, jovens, não possuem liderança. Atuam tanto na internet quanto no espaço urbano. “Não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou controle, nem de uma organização vertical. Essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação do movimento, já que ele é constituído de redes abertas. ” (CASTELLS, 2013, p. 164)

O Movimento de ocupação nas escolas do Ceará teve como referência a experiência dos estudantes do Chile em 2006 e 2011, a Revolta dos Pinguins, na qual estudantes de São Paulo, através do Coletivo Mal Educado traduziram o manual com informações de

como organizar a ocupação de uma escola. Além disso existiam documentos históricos, filmes e material nas redes sociais sobre o movimento do Chile. A cartilha dava um passo a passo, desde a ocupação inicial até a distribuição das comissões, atividades e assembleias que era votada pela totalidade dos estudantes. Havia um plano de ação e dividia as ocupações por comissões (segurança, comida, imprensa, informação, limpeza e relações externas), eram realizadas assembleias periódicas, de forma horizontal. Todos os estudantes participavam das atividades diárias junto com os pais, professores e todos aqueles que tinham interesse em ajudar ao movimento. E foi com essa experiência que os estudantes realizam as ocupações de escolas públicas, iniciando em São Paulo e se espalhando por todo o Brasil, a conexão se deu através da internet, principalmente pelas páginas no facebook criada por cada escola, constituindo uma grande rede de escolas. “O movimento secundarista paulista pode ser definido como um movimento social autônomo porque possui as seguintes características: independência, horizontalidade, autogestão e utilização de táticas de desobediência civil e de ação direta.” (PIOLLI, PEREIRA E MESKO, 2016. p 22)

Era primordial que fosse discutido todo o processo de organização da ocupação, garantindo que as tarefas fossem cumpridas no prazo. Então, era sugerido que fossem divididas as comissões, tendo claro o objetivo e os processos de cada uma delas. “Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na co-responsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado do patrimônio público. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 13)

Os movimentos sociais em rede têm exigido uma nova forma de democracia, novos tipos de movimento democrático, reconstituindo a esfera pública no espaço da autonomia, constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet. (CASTELLS, 2013, p. 181). Também estabelecem redes de

articulações. Na prática cotidiana, esses movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social. Atuando em redes, constroem ações coletivas de resistência em busca da inclusão social. “Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede.” (GOHN, 2010, p. 336) ^[1].

5. A Revolta das Canetas e o uso da internet

A Comunicação, tanto dentro quanto fora de suas fileiras, desempenha um enorme papel na trajetória dos movimentos sociais (DOWNING, 2001, p. 59). As pessoas só podem desafiar uma dominação, conectando-se entre si, por isso o papel da comunicação nos movimentos sociais é essencial (CASTELLS, 2013).

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. (GOHN, 2010. p. 335-336).

Para Levy (2009), a Internet, a grande Ágora do século XX e XXI, é um ambiente interativo, colaborativo. Esse ambiente interativo possibilita aos atores sociais difundirem suas reivindicações, expressarem suas ideias, suas indignações e medos.

O ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente inesperado e criativo nas lutas sociais da segunda metade dos anos 90. Partidos, sindicatos, organizações não-governamentais e até grupos guerrilheiros, ainda que eventualmente separados por estratégias e táticas de ação, descobrem no ciberespaço possibilidades de difundir suas reivindicações (MORAES, 2000, p. 142)

Essas reivindicações dos atores sociais formam uma grande rede de comunicação online, usufruindo do ciberespaço, em qualquer tempo, de várias formas e expressões.

A militância online vem alargar a teia comunicacional planetária, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: a capacidade de disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida. (MORAES, 2000, p. 142)

O Movimento Revolta das Canetas utilizou as redes sociais para fortalecer, fazer conexão com outros movimentos, conseguir alimentos, palestras, oficinas, e fortalecer os direitos dos estudantes. Através das redes sociais se formou uma grande união, de forma horizontal, com os estudantes se conectando entre si e com outras escolas do país, compartilhando as postagens, curtindo e escrevendo comentários, e fazendo com que a opinião pública sobre o movimento fosse positiva. “Uma vez consolidada a permanência dentro da escola, os estudantes passavam a compartilhar suas experiências cotidianas no facebook, criando páginas “para divulgar a ocupação” (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016)

Uma das comissões constituídas foi a comissão de imprensa, que tinha a responsabilidade de divulgar a ocupação para os meios de comunicação, outras escolas/universidades e para quem considerasse necessário. A criação de páginas, no facebook, era um dos processos estabelecidos dentro do manual, pois a preocupação de informar, comunicar e interagir com a sociedade era considerada importantíssima para o desenvolvimento das ocupações. As páginas no facebook das escolas eram criadas sempre com a palavra ocupa e o nome da escola: @ocupaadauto, @ocupacaic. Além das páginas das escolas, também foi criada uma página no Ceará, que fazia uma conexão entre todas as escolas do Estado, postando e compartilhando informações sobre o movimento. O nome da página era @escolasceemluta.

Os atores sociais estão conectados em rede de múltiplas formas, internet, telefones celulares, redes sem fio. A forma se de conectar é multimodal, redes sociais on-line e off-line, preexistentes ou formadas durante as ações do movimento. “Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral.” (CASTELLS, 2013, p.162)

Além da conexão através das redes sociais, esses movimentos se conectaram a partir das trocas de experiências nas ocupações, estudantes das escolas visitavam outras escolas. Se havia necessidade de fazer uma manifestação na rua próxima à escola Aduino Bezerra, estudantes do Caic ficavam na ocupação, substituindo quem fosse para rua, assim a escola não ficaria desocupada. A cada quinzena, eram realizadas assembleias com todas as escolas, cada vez num local diferente e representantes de cada escola ocupada participavam do evento. Cada escola foi tendo sua autonomia e participando de uma grande rede. Além disso, aconteceu uma caravana composta pelos estudantes que ocuparam as escolas em São Paulo, que passou por vários estados e chegou ao Ceará, com o intuito de realizar visitas às escolas ocupadas, trocar experiências, fazer intercâmbio.

O dia a dia das escolas era cheio de atividades, oficinas, aulas, limpeza, cuidados com horta, palestras e debates. Compartilhavam informações e atividades, agendaram assembleias, manifestações de ruas e visitas de uma escola a outra.

Esses movimentos querem reinventar a democracia, encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e em geral negligenciados em sua experiência diária. (CASTELLS, 2013, p. 167-168).

6. As ocupações e a relação com a cidade

As mobilizações, no meio digital, são promovidas, quando os indivíduos se identificam com alguma causa, debate ou quando concordam com a argumentação de uma determinada pessoa ou grupo. A utilização das redes sociais fez com que as pessoas pudessem se identificar com o movimento, acompanhando o dia a dia, as oficinas, os debates, as assembleias, imagens e vídeos que marcaram as ocupações, sendo compartilhado em tempo real. Realizavam agendas semanais que eram postadas nas redes sociais, para que todos pudessem ficar sabendo das atividades desenvolvidas na escola, conforme o calendário de atividades.

Figura 1 - Calendário de atividades semanais



No caso da Revolta das Canetas, em 2016, as pessoas se identificaram com a causa dos estudantes, com sua luta por uma melhor educação, do cuidado com o patrimônio público, com a interação e discussão sobre questões essenciais na formação cidadã do ser humano. A sociedade participou do movimento compartilhando, curtindo, fazendo comentários, interagindo, realizando oficinas, levando a discussão para a melhoria na educação.

Os seres humanos criam significados interagindo com seu ambiente natural e social. Conectando suas redes neurais com as

redes da natureza e redes sociais. A constituição das redes é operada pelo ato da comunicação. A comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. (CASTELLS,2013, p. 15).

A Internet vem sendo utilizada como fonte de conexão social, estreitando e ampliando relações com as pessoas, através de curtidas, compartilhamentos, páginas e grupos que acabam por unir pessoas que possuem afinidades em comum. Foi o que aconteceu com o movimento de ocupação das escolas, os estudantes chamaram a cidade para participar, seja na doação de alimentos, na realização de oficinas, na participação do debate, nos atos e manifestações de ruas, nas discussões políticas.

As ocupações começaram nas escolas onde as turmas estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente mais de 60 colégios no Ceará aderiram ao movimento.

A comunidade, os pais, a vizinhança, professores, artistas, a sociedade em geral, ao perceberem, através das redes sociais, o dia a dia dos estudantes, mobilizaram-se e isso acabou por gerar uma visão positiva do movimento. Em diversos momentos, a imprensa produziu pautas positivas, proporcionando, assim, um apoio da cidade. Podemos constatar isso em duas matérias publicadas em um jornal local e outra na internet: no caso, uma entrevista com o cantor Criolo, que se emocionou ao visitar o Caic, escola do Bom Jardim.⁴E, em outra matéria falava do apoio dos pais na ocupação junto aos estudantes⁵.

⁴<http://tribunadoceara.uol.com.br/diversao/cultura/criolo-diz-ter-ficado-emocionado-em-visita-a-escola-ocupada-por-estudantes/>

⁵<http://brasileiros.com.br/2016/05/no-ceara-pais-se-revezam-com-estudantes-em-escolas-ocupadas/>

Figura 2 - Estudantes exercendo a cidadania política



Fonte: página facebook @ocupacaic

Espalharam-se por contágio, num mundo ligado pela internet sem fio, pela rápida difusão, viral, de imagem e de ideias. Ocuparam as escolas cuidando das mesmas⁶, em uma relação de pertencimento, realizando assembleias, apresentações artísticas e culturais trazendo o debate sobre temas como LGBTT, Juventude Negra, questão de gênero, educação e cidadania.

Poucas vezes na história social recente um movimento soube utilizar um espectro tão amplo de táticas e se metamorfosear em tão curto espaço de tempo. O movimento dos estudantes soube explorar a grande simpatia que despertou na população. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 14)

Os estudantes tiveram o apoio de vários setores da sociedade nas ocupações. Realizaram uma conexão com as pessoas a partir das redes sociais, onde professores, pais, comunidade, artistas, profissionais multidisciplinares e a sociedade em geral puderam compartilhar esse momento com os estudantes e através dessas conexões digitais, onde se pode enxergar as escolas públicas e quais eram as pautas e ideias desses jovens.

⁶<http://brasileiros.com.br/2016/05/no-ceara-pais-se-revezam-com-estudantes-em-escolas-ocupadas/>

Nesse processo, eles construíram uma identidade, dentro da ocupação. Tornaram-se atores sociais e utilizaram a internet, através da criação de páginas no facebook, contaram sua história, seu dia a dia, interagiram com a cidade, através de vídeos, imagens, e depoimentos em busca de uma esperança de uma mudança social.

São movimentos profundamente autoreflexivos. Questionam-se permanentemente como movimentos, e seus participantes como indivíduos, sobre o que são, o que desejam e o que pretendem realizar, que tipo de democracia e sociedade estão almejando e como evitar imprevistos e armadilhas de tantos movimentos fracassados por reproduzir em si mesmos os mecanismos do sistema que queriam mudar, em particular no que se refere á delegação política da autonomia e soberania. Esse auto reflexividade manifesta-se no processo de deliberação das assembleias, mas também em múltiplos fóruns da internet, assim como numa miríade de blogs e grupos de discussão nas redes sociais. (CASTELLS, 2013, p. 167-168)

7. O Legado: os estudantes e o exercício da cidadania

Através da Revolta das Canetas os estudantes exercitaram a cidadania política a partir de debates e discussões, abordando temas sobre direitos, participação, igualdades, minorias. Os estudantes realizaram, de forma horizontal, uma conexão com diversos movimentos e causas da cidade (questão de gênero, movimento LGBTT, questões raciais; e até ONGs e instituições que deram apoio jurídico, no caso o CEDECA), porém sem hegemonia de nenhum partido, organização política, movimento sindical ou social. Isso é decorrente do desejo destes estudantes de construir uma identidade própria.

Para Canclini (2009) ser cidadão não tem a ver apenas com direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento. Ele

cita os estudos norte americanos que se destinam a legitimar as minorias, não reconhecidas pelo estado e aborda a experiência dos movimentos sociais na América Latina, que estão redefinindo o que se entende por cidadão, não apenas em relação aos direitos à igualdade, mas também em relação aos direitos às diferenças.

Durante o grupo focal e o seminário, ficou clara a participação atuante de todos os estudantes no movimento, e também a participação dos professores, pais e comunidade em vários momentos dos três meses de ocupação. A discussão era coletiva e compartilhada com a cidade. Eles queriam construir a sua história, com suas características, criando a sua identidade.

No início da ocupação, nem todos os estudantes entendiam direito o que estava acontecendo. Na ocupação do Caic, por exemplo, dos quarenta estudantes que iniciaram a ocupação, apenas quinze tinham essa consciência política e o entendimento do que seria a ocupação; porém, durante o processo, essa visão foi se alterando e ao final da ocupação, percebeu-se que houve um despertar político.

A experiência das ocupações, pelo seu impacto na relação dos alunos com as escolas (através destas descobertas e do cuidado com o espaço) e consigo mesmos, deflagrou um processo mais amplo que a luta contra a “reorganização”, envolvendo cada vez mais pautas e quebrando o ceticismo ou resignação com relação a educação pública. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 149).

Em vários momentos de contato com os alunos, foi dada ênfase ao legado dos estudantes nesse movimento. “A ocupação foi um ato político, um ato educacional”⁷.

Em todas as entrevistas com os estudantes, surgiu o tema de construção da cidadania: a ocupação, de três meses, foi o grande aprendizado, que possibilitou um crescimento como um agente político ativo, entendendo seus direitos e construindo a sua

⁷Depoimento da Jane, estudante do Caic Bom Jardim, concedido em 06 de maio de 2017, no Seminário Escolas em lutas.

identidade. Um exemplo é o depoimento da estudante Kaliane Sena na página do Ocupa Caic, em 23 de maio de 2016.

Através da ocupação descobrimos que ao invés de perambularmos pelos corredores, presos a ordens ditadas para nós, existe um eu dentro de cada um de nós, que é capaz de formular nossas próprias ideias. A ocupação é libertadora, ela vem ensinando a mim e a diversos alunos que juntos possuímos o poder de mudar tudo a nossa volta, que temos o poder de mudar o mundo. E é por esse motivo que precisamos unir cada vez mais nossas forças, não vamos parar por migalhas oferecidas por nosso governador, com o intuito de nos conter. Queremos uma educação de qualidade não apenas para uma parte, mas sim para todos. Nós somos o poder, e juntos venceremos quaisquer obstáculos. Avante estudantes! Não tem arrego!⁸

Os estudantes resistiram durante três meses, até o momento que a Secretaria de Educação foi de escola em escola negociar as solicitações, pois cada escola tinha suas particularidades, as suas reivindicações, os seus questionamentos. Começou a haver uma grande pressão do governo, e a opinião pública passou a se colocar contra o movimento, até o ponto em que a Secretaria de Educação solicitou aos diretores das escolas a relação dos estudantes que estavam ocupando. Com essa relação, a SEDUC fez intimações a 320 estudantes sobre supostos danos cometidos ao patrimônio público.

Com essa pressão do Ministério Público, os estudantes desocuparam, um a um, as escolas, porém conseguiram, com o apoio do CEDECA, suspender as intimações. O final do processo desencadeou a assinatura do termo de ajustamento de conduta (TAC) com várias reivindicações dos estudantes: alimentação de qualidade, participação dos estudantes nas decisões da escola, através de uma gestão democrática, plano de manutenção e conservação das edificações, aquisição de laboratórios de

⁸ Depoimento de estudante Kaliane Sena na página @ocupacaic https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=240424032989722&id=129814374050689

informática, diagnóstico dos laboratórios (redação, informática, química, física e biologia). Para acompanhar esse termo, foi criado o FUMEP (Fórum Unificado do Movimento Estudantil e Popular), um fórum composto por estudantes.

Acredita-se que a mobilização foi vitoriosa, após as ocupações, os estudantes começaram a voltar a pensar, a debater, a discutir pautas importantes referentes ao exercício da cidadania política. Esse é o grande legado, pautado por todos os estudantes, o de construção deles como cidadãos, o aprendizado, a politização dos mesmos, a transformação social, e a descoberta enquanto sujeito de sua história. Muitos estudantes se engajaram em lutas específicas, e estão continuam a construir a sua história, entendendo que integram a história do Brasil.

Essas novas relações já estão dando frutos após a vitória do movimento: grêmios horizontais e desvinculados de partidos e das instituições burocráticas estão sendo fundados em dezenas de escolas; a dinâmica em sala de aula tem sido alterada, com maior participação dos estudantes; e pais e estudantes sentem-se agora empoderados para cobrar e controlar a atuação das direções das escolas. Além de tudo isso, milhares de estudantes-ativistas forjados nas ocupações e protestos, já carregam sua experiência de ação autônoma e horizontal para as universidades e para os locais de trabalho. Muitos frutos tardios ainda estão por vir. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p. 13)

Considerações finais

As ocupações, a partir da Primavera Árabe, passando pelos movimentos em Wall Street, Indignados, Revolta do Pinguins e tantas outras, utilizaram as redes sociais para a busca da autonomia, para o respeito aos seus direitos, e para o exercício de sua cidadania. “O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia.” (CASTELLS, 2013. p. 181)

O Movimento Revolta das Canetas criou uma conexão com outros movimentos, desenvolvendo uma grande articulação com a sociedade. Foi um movimento que apresentou uma grande pauta propositiva à sociedade; que se aproximou, compartilhou, curtiu, realizou oficinas, palestras, promoveu um debate sobre a educação. Um grande eco reverberou por todo o estado e conseqüentemente no País, por fazer parte da “Primavera Secundarista” e a sociedade começou a realizar uma discussão política.

Em todo o trabalho tentamos perceber como os novos movimentos sociais se utilizam das redes sociais para realizar a mobilização política do movimento como cita Peruzzo:

Não resta dúvida que a internet é de suma importância aos movimentos sociais e à articulação das grandes manifestações públicas e protestos. Ela é arena de compartilhamento e de participação civil (quando expressa reivindicações e as lutas por respeito aos direitos de cidadania, por exemplo, melhoria do sistema de saúde) e cívica (quando os sentidos das lutas sociais se deslocam do indivíduo como foco para o coletivo, e coloca o bem comum acima dos interesses individuais, como é o caso da luta pela preservação da democracia e dos interesses nacionais, entre outras iniciativas). (Peruzzo, 2017, p. 8)

A ocupação das escolas públicas estaduais conectou os estudantes entre si e com a sociedade, formando uma grande rede. A ocupação do espaço público e a utilização de novas tecnologias trouxeram o empoderamento dos estudantes nas escolas. Eles construíram uma identidade própria, formando uma relação de pertencimento, a partir do medo e da raiva, levando à indignação e a união em busca da esperança, estabelecendo assim um contrapoder, diante do poder das instituições da sociedade, onde os atores sociais desafiam o poder destas com objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses. (CASTELLS, 2013).

Durante os três meses do movimento, houve a percepção da construção de uma vivência da cidadania política pelos estudantes,

a partir do processo de resistência na ocupação, das percepções e convívios diários entre si, com os professores, com os movimentos sociais, e com as demais escolas, através dos debates políticos, do contato com as culturas de minorias e várias outras questões que afetam a vida da sociedade brasileira. Assim, o maior legado da ocupação das escolas, no Ceará, foi a contribuição dada ao processo de formação política dos estudantes, na busca por seus direitos e pelo exercício da sua cidadania política.

Referências

- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A Reforma do Estado nos Anos 90: Lógica e Mecanismos de Controle. Lua Nova - Revista de Cultura Política, n°.45, 1998.
- BRINGEL, Breno. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. Eccos. Revista Científica, v. 11, p. 97 -121, 2009.
- CAMPOS, Antonia J. M; Medeiros, Jonas; Ribeiro, Marcio M. Escolas de luta. Editora Veneta. 2016.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização; tradução Maurício Sanatana Dias. 8 ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2010.
- CASTELLS. Redes de Indignação e esperança. Movimentos Sociais na era da Internet. Rio de janeiro. Zahar, 2013.
- DOWNING, Jonh. Mídia Radical. Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais, Editora Senac, São Paulo, 2002.
- FRAGOSO, Suely; Recuero, R; Amaral, Adriana.. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- FREIRE, Paulo; Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- _____, Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

GOHN, Maria da Glória. Artigo: Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro. Editora Vozes. Ed. Digital. 2013.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações e Protestos no Brasil. Correntes e contracorrentes na atualidade. Cortez Editora. 2017.

_____. Artigo: Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, 2010.

HARVEY et al. Occupy. São Paulo. Boitempo: Carta Maior, 2012. Recurso digital.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues; PIOLLI, Evaldo. (Des) caminhos da educação pública no Brasil. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 17, n. 3, dez. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: . Acesso em: 20 abr. 2016.

MORAES, Denis. Artigo: Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. Revista Brasileira Ciências da Comunicação. 2000.

PERUZZO, Cicília. Artigo: Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na Web. 2017.

REDES, Bárbara L. Artigo: Revolta das Canetas: O papel das redes sociais na ocupação das escolas no Ceará, em 2016.

Capítulo 10

Mídia Negra: o movimento negro e a apropriação das mídias sociais através do blog “a cor da cultura” para o exercício da cidadania

Luizete Vicente da Silva

Márcia Vidal Nunes¹

Considerações iniciais

Para o artigo, utilizou-se o estudo de procedimentos analíticos, a fim de colher informações do blog “A Cor da Cultura”². Inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica de livros, artigos, textos e publicações online sobre formação de mídias sociais, ativismo digital, poder da comunicação e cidadania. O intuito do estudo é construir uma argumentação teórica na intenção de embasar a análise documental, descrevendo como a atuação das mídias sociais pode auxiliar na formação do ativismo digital para a construção de mídias sociais negras, contribuindo para o exercício da cidadania.

Para Gohn (2010), o atual momento produz diferentes articulações em rede para a produção de temáticas organizadas em segmentos, formando um novo modelo de cooperação no Brasil. É possível pensar sobre as diversas pautas que grupos, coletivos e/ou

¹ Universidade Federal do Ceará – UFC

² Idem.

organizações debatem, utilizando, como ponto de partida, a organização em blocos sociais como forma de dividirem os espaços de atuação e participação em redes de mobilização.

Nesta conjuntura indaga-se: qual o papel dessas redes associativas no desenrolar dos processos democráticos, e qual a concepção de democracia que fundamentam suas práticas (como elas se veem e que horizontes projetam para a sociedade). Como essas redes se articulam ao campo sociopolítico e cultural do país? Como nos alerta Touraine, precisamos identificar os sujeitos que estão em discussão neste cenário tão amplo. (Gohn, 2010, pg. 12)

Os estudos quantitativos das ciências do campo das exatas que analisam dados estatísticos descritivos e multivariados utilizam, em sua maioria, a técnica da análise de conteúdo para avaliar os dados coletados. Essa técnica de análise de dados, popularizada por Bardin (2009), é definida como um método empírico. Ela foi empregada na investigação psicossociológica, nos estudos das comunicações de massas, entre outros. Bardin (2011 apud SANTOS, 2012, p. 383) afirma que “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Bardin (2009) complementa que a análise de conteúdo se configura como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Esse é um conceito utilizado por muitos autores, inclusive no Brasil, onde foi inicialmente criticado e depois se tornou uma das definições mais citadas em pesquisas que adotam essa técnica de análise de dados.

Dessa forma, os atos de codificar, classificar, categorizar e selecionar compreendem a organização do material – uma importante etapa que gera a quantidade de informações básicas para a produção do conteúdo. Portanto, pretende-se aprofundar o

estudo com a descrição de determinado fenômeno no blog, investigando as postagens e as atividades realizadas pelas organizações convidadas neste espaço e optando pelo estudo da análise de conteúdo, para observar as bases dos dados na produção da informação nessa mídia.

2. O saber e o fazer de um blog e o exercício da cidadania

O termo blog é uma abreviação da palavra *weblog*, que significa diário de bordo. No início, esse meio tinha como finalidade ser apenas um diário pessoal, mas seu objetivo mudou, tornando-se um veículo de difusão do conhecimento. Mattar Neto (2003) afirma que com o desenvolvimento dos ambientes da realidade virtual, pode-se pensar em inteligência coletiva, na qual a troca de informações é, em sua essência, virtual. Com isso, os blogs podem ser considerados fonte de informação que proporciona uma vasta base de pesquisa, para facilitar a busca por temas, textos e conteúdo que são atualizados diariamente, semanalmente ou mensalmente, por meio de ferramentas que viabilizam a acessibilidade e a interatividade entre seus usuários, propondo, com isso, uma reflexão sobre as temáticas ligadas às relações raciais. O blog acarreta a distribuição da informação de maneira rápida, possibilitando o diálogo entre diversos grupos para a construção de práticas coletivas.

Maia e Castro (2006) afirmam que a identidade coletiva proporciona a continuidade da experiência nomeada como um “Nós” e revela a necessidade de pertencimento dos sujeitos em grupos sociais. Um importante ponto que auxilia no processo de mobilização em mídias sociais. Nestas novas mídias, é possível observar a circulação dos fluxos de texto e imagens através do trabalho dos produtores da informação, ou seja, comunidades que produzem “sua fala” em um novo território.

Segundo Gohn (2010) ainda sobre esse território digital, essas novas tecnologias digitais entram como base para a medição

da informação como apropriação de direitos e diálogo entre esses direitos. Com isso, a globalização trouxe a disputa pelos domínios financeiros, geográficos, sociais, mas, também, trouxe a descentralização da informação, para que outros movimentos sociais possam gerir suas informações. Como explica Ferreira (2007), os movimentos ainda não conseguem fazer circular suas temáticas na mídia padrão.

O uso dessa ferramenta tem crescido progressivamente na atualidade. Como esse meio digital possui múltiplas finalidades, é utilizado por diferentes instituições, como escolas, empresas, organizações não governamentais, universidades, entre outros. Ele tornou-se um sistema de difusão e compartilhamento de informações entre usuários. Os blogs são, hoje, uma fonte de informação e seu crescimento entre os internautas auxilia na proposição de novos conteúdos para a web. Eles questionaram o modelo de comunicação existente, pensaram em novas formas de produzir notícias e democratizaram a informação, ao oferecer conteúdo que a grande mídia ignora, contribuindo, assim, para o exercício da cidadania. Resumindo, esses sites são meios de comunicação desenvolvidos na rede que vão evoluindo na medida em que a internet muda.

O weblog é uma expressão genuína das ‘tecnologias de hoje’, nas quais o autor, sem nenhum tipo de intermediação editorial e graças a um sistema muito eficiente de gestão de conteúdos, se converte em um global Publis-her: uma voz pessoal que pode falar com todo o mundo. (ORIHUELA, 2006, p. 39, grifo do autor).

Assim, o blog seria um instrumento virtual de exercício da cidadania, possibilitando (OLIVEIRA (2000:11) o rompimento com as práticas discursivas que impõem o “silêncio” e a hegemonia de opiniões, como é feito comumente na mídia comercial, cuja maioria é declaradamente descompromissada com o interesse coletivo, e indicar novas formas de construção da agenda pública. Isto pode ser possível, graças à crescente expansão e implantação de diversificadas

experiências levadas a cabo por vários movimentos sociais que projetam diferentes vozes e questões no cenário público, como, por exemplo, através da utilização dos blogs. Assim, a opinião dominante difundida na mídia convencional, que busca formar uma espiral de silêncio diante da maioria, pode ser contraposta à prática de muitos movimentos que pela sua projeção social retomam, momentaneamente, a esfera pública.

Para MOHME (In: AGUILAR et alli, 1999:108), os meios de comunicação de massa devem contribuir para a democratização da comunicação, sendo os intermediários entre a cidadania e a classe política, canalizando, difundindo, multiplicando ou diminuindo determinadas opiniões. Outorgam e retiram a credibilidade a determinados líderes e formações políticas. Uma segunda tarefa em prol da democratização é permitir a expressão das opiniões do cidadão comum, de maneira que termine o círculo vicioso de opiniões e confirmações ou discrepâncias entre os membros da classe política que termina afastada cada vez mais dos interesses e inquietudes concretos da cidadania. Porque se a informação somente flui em um só sentido, estamos criando e reproduzindo cidadãos passivos que só se contentam em estar informados e não em participar ativamente dos assuntos públicos.

Na web, a diversidade de informações auxilia a produção de conteúdo. Definir o que será difundido é uma atitude que faz parte da construção das identificações de seus usuários em rede. Existem características que fazem parte do *weblog*. É possível identificá-las com base nas mudanças da internet.

Storch (2006) acompanha os blogs desde o seu surgimento e aponta algumas peculiaridades dessa plataforma, auxiliando, assim, na diferenciação entre ela e os sites tradicionais. A organização temporal, o primeiro aspecto apontado, significa registrar o dia e a hora do post criado, produzindo, dessa forma, uma ordem cronológica das informações, que são organizadas em seções fixas na página.

A arquitetura da informação é a segunda característica dos blogs e apresenta o conteúdo da página de maneira que seja fácil de identificá-lo, a fim de que os usuários possam participar com frequência, colaborando, assim, com a divulgação do site.

A interatividade, outra propriedade dessa plataforma, possibilita que o internauta participe dos debates levantados pelo blog. Comentando nas postagens, seja criticando, sugerindo ou complementando o conteúdo apresentado, o leitor toma parte das discussões de forma ativa, e cria, dessa maneira, uma conexão entre o blogueiro e o internauta.

Por fim, a hipertextualidade é a característica mais importante de um blog. Como afirma Storch (2006), é pelo hipertexto que o autor da página consegue relacionar os assuntos dos posts e associá-los a outras inúmeras informações existentes. Além de colaborar na elaboração do texto, o hipertexto permite que sejam oferecidos argumentos favoráveis ou contrários ao que foi apresentado.

É importante lembrar que essas características não são definitivas, devido às mudanças constantes nos blogs e às tecnologias desenvolvidas pela internet. Para Araújo Junior, Cormier e Tarapanoff (2009, p. 10), essas mutações ocorrem na sociedade da informação, pois se associam ao momento de transformações pelo qual passam as sociedades contemporâneas em que a informação e as tecnologias da informação e das comunicações assumem relevância no novo padrão de produção capitalista.

Assamann (2000, p. 8) explica que a “[...] sociedade da informação é a sociedade que está atualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo.”

A motivação em escolher o blog “A Cor da Cultura”³ (figura 1) foi a falta de cobertura da mídia em relação à temática da igualdade racial. Os meios de comunicação, na maioria das vezes, apresentam a população negra de forma negativa e, quase sempre,

³ Ibidem.

agregada a estereótipos adquiridos pela produção de um pensamento ligado ao ideário de opressão e discriminação ao negro. Compreendendo que a comunicação deve ser uma prática diária na construção da autoafirmação dos sujeitos, e que esses podem criar formas de se comunicar, considera-se o blog um instrumento de difusão, mobilização e reivindicação dos direitos desse grupo historicamente excluído como um fator decisivo no exercício da sua cidadania.

Figura 1 - Imagem do blog “A Cor da Cultura”⁴



O blog analisado foi criado a partir do projeto “A Cor da Cultura”, que valoriza o patrimônio cultural afro-brasileiro e reconhece a história e a contribuição da população negra à sociedade brasileira. Desde seu início, em agosto de 2006, o projeto exhibe séries audiovisuais e apresenta recursos didáticos complementares à formação de educadores. Quando criado o blog, o projeto enfrentou diversos desafios, como a produção de conteúdo, a ampliação das redes de parcerias para articulação e a manutenção de abordagem de forma diferenciada, para dar o enfoque sobre as temáticas da população negra.

⁴ Ibidem.

3. “A Cor da Cultura”: a desconstrução do preconceito e da discriminação

O blog “A Cor da Cultura”⁵, que objetiva desconstruir o preconceito e a discriminação racial, tem uma estrutura organizada em propostas de temas/valores civilizatórios apresentada por instituições parceiras do projeto. Com a necessidade de debater a implementação das relações raciais nas escolas, por meio das mídias digitais, o blog utilizou interfaces interativas, como fotos, vídeos, fóruns, entre outros.

Além disso, ele aplica métodos que permitem o acesso de diversos usuários, de diferentes grupos sociais, raciais e de gênero ao seu conteúdo. Sendo assim, foram criadas possibilidades, para aplicar os valores civilizatórios na intenção de dialogar com as diversas realidades. Isso só foi possível com a construção do conceito de pertencimento aplicado aos valores civilizatórios, a partir do compartilhamento de afetos, desejos e valores.

Para Maffesoli (1998), esse compartilhamento só é possível, quando os sujeitos começam a problematizar a vida individual, criando reflexões sobre a necessidade de uma vida coletiva, ou seja, em “tribo”, onde estão inseridos grupos para a circulação das palavras, da cultura e dos costumes. Esses valores foram extraídos dos saberes e dos modos africano e afro-brasileiro de viver, visto que eles se constituem como maneiras de manter vivas suas especificidades culturais, religiosas, ancestrais. Os valores civilizatórios serviram como forma de resistência para a continuidade da história desse povo.

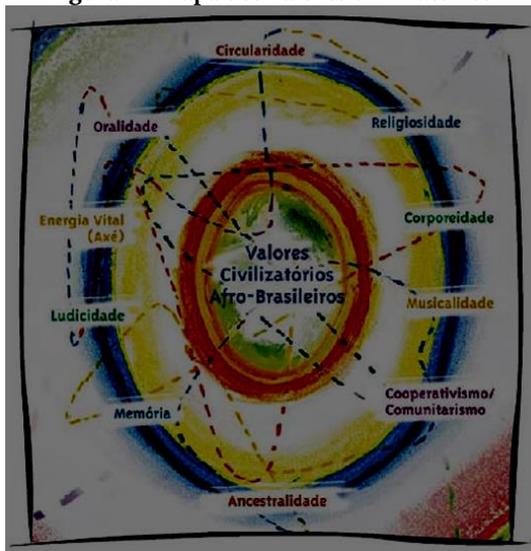
[...] a não utilização da escrita por parte das sociedades da África negra, que não adotaram esse aparato para fins de apreensão e transmissão dos conhecimentos e dos dispositivos civilizatórios que constituíram para essa finalidade. Trata-se de apreciar tão somente a questão da palavra, conceito para o qual se pretende atribuir

⁵ Ibidem.

significado abrangente [...] não se confunde ausência de escrita com analfabetismo. O conceito de analfabetismo é estrangeiro as sociedades da África profunda onde o conhecimento é elemento estruturador da realidade, construído a partir de valores próprios: na verdade, nessas sociedades, a escrita é considerada fator externo a pessoa, e por essa razão impacta negativamente os processos de comunicação. Para as práticas sociais que se desenrolam nesse universo, elas se utilizam da palavra, considerada elemento vital da personalidade. (LEITE, 1992, p. 35 e 36).

Sendo assim, foram escolhidos dez valores, para servir de base à produção de conteúdo no blog, como forma de dialogar com os diversos grupos no ambiente virtual (figura 2). Como milhares de homens e mulheres africanos foram violentamente retirados de suas etnias e trazidos para um país totalmente diferente, a fim de serem escravizados, sobrou apenas a oralidade, para transmitir o conhecimento de suas nações presente na memória – que constitui as diferentes etnias e seus territórios.

Figura 2 - Mapa dos valores civilizatórios⁶



⁶ Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>. Acesso em 11/07/2016.

4. Análise do blog “A Cor da Cultura”⁷: conexão para a interação

Para efeitos de análise quantitativa, estudou-se o número de comentários de postagem, da quantidade de curtidas dos textos, da marcação de avaliação, da participação dos usuários por meio do compartilhamento no *Facebook*, entre outros. Visto que elas usam esse espaço para valorizar a temática, utilizando as ferramentas oferecidas no blog, como os espaços de discussão, o número de internautas cadastrados e o formato escolhido para publicar seu tema, foi analisada a quantidade de vezes que cada instituição produziu conteúdo para o blog. A coleta desse material restringiu-se ao período de fevereiro a novembro de 2014.

As curtidas representam uma importante referência em relação à produção dos conteúdos. Observa-se que o formato do post é um dos fatores que influencia na quantidade de curtidas. Além dele, outros pontos também são decisivos nessa questão: fontes diferenciadas para a produção das informações, usabilidade dos elementos contidos na postagem e compartilhamento em outras mídias.

O post “Questionário para avaliar como sua escola aborda o racismo” (figura 3), por exemplo, obteve trezentas e sessenta curtidas, doze comentários e cinco marcações. A publicação dele, no *Facebook*, agregou-lhe mais visibilidade ainda. A simetria das informações, o agrupamento dos elementos que transmite similaridade e a organização de forma padronizada ajudaram na assimilação do conteúdo pelos usuários.

⁷ Ibidem.

Figura 3 Post com o maior número de curtidas⁸

Fonte: site <http://acordacultura.ning.com/blog/list/tag/a+cor+da+cultura>

A interação criada para possibilitar os comentários, nas postagens, foi outro ponto analisado. Primo (1997, p. 92) afirma que a “Interação designa a ação entre entes (inter-ação = ação entre).” Sendo assim, ela ocorre na troca de informações, causando reações diferentes.

5. Post “Energia vital na sala de aula – final”⁹: impactos dos conteúdos no espaço escolar

O post “Energia vital na sala de aula – final”¹⁰ teve o maior número de comentários, mesmo alcançando uma pequena quantidade de curtidas. A maioria dos comentários, que se referiam a informações sobre o conteúdo ou que afirmavam positivamente a temática, é de autoria de professores da rede pública que

⁸ Disponível em: <http://acordacultura.ning.com/blog/list/tag/a+cor+da+cultura> Acesso em 11/07/2016.

⁹ Disponível em: <http://acordacultura.ning.com/blog/energia-vital-na-sala-de-aula>. Acesso em 11/07/2016.

¹⁰ Idem.

participaram do projeto “A Cor da Cultura”, de animadores das organizações¹¹ e de ativistas do movimento negro.

Foram escolhidos quatro comentários do post em questão para análise. Eles afirmam, sugerem e classificam se as postagens provocam mudanças de pensamento e geram conteúdo diferenciado no espaço escolar.

No primeiro comentário, o usuário ressalta a importância do texto para a formação dos professores e coordenadores pedagógicos, além de indicar outros materiais.

Já conhecia o conto e imagem das crianças da tribo Ubuntu, uma perfeita demonstração desse universo de união entre o visível e o invisível, outras imagens que me fazem relação com força vital, embora tenha sido ficção, foram as cenas finais do filme Avatar, onde todos os seres se conectam, gerando uma força sem igual; uma Força Vital. Os textos contribuirão em meus desempenhos de sala de aula, principalmente por ter como foco o universo religioso dos afro-brasileiros, onde a Força Vital é uma constante. (VALENTE, 2014, online).

No segundo comentário, o leitor realiza uma afirmativa sobre o conteúdo das postagens.

José Eladionor e Nazaré realmente contagiam, não? São muitas as possibilidades que se apresentam nas ações cotidianas, nos filmes, nas músicas. Mandela fará muita falta, ele é insubstituível, mas contamos com personagens importantíssimos na sala de aula para a manutenção da Força Vital. (CARNEIRO, 2014, online).

Já neste terceiro comentário, a animadora que publicou a postagem cita outros elementos que a complementam, além de explicar o motivo desse tema para a formação da comunidade escolar.

¹¹ São pessoas indicadas por cada instituição para produzir as postagens, movimentar as informações sobre a temática e interagir com os usuários.

Escolhemos esse trecho onde Nelson Mandela faz uma análise de um novo momento, de tão importante conquista em uma sociedade de modelo de exclusão. Depois de passar 27 anos de reclusão e ser eleito presidente da África do Sul em 1994, se propôs e realizou o grande desafio de transformar uma sociedade estruturada na suprema injustiça do apartheid que desumanizava as grandes maiorias negras do país condenando-as a não-pessoas, numa sociedade única, unida, sem discriminações, democrática e livre. E o conseguiu ao escolher o caminho da virtude, do perdão e da reconciliação. Perdoar não é esquecer. As chagas estão aí, muitas delas ainda abertas. Perdoar é não permitir que a amargura e o espírito de vingança tenham a última palavra e determinem o rumo da vida. Perdoar é libertar as pessoas das amarras do passado, é virar a página e começar a escrever outra a quatro mãos, de negros e de brancos. A reconciliação só é possível e real quando há a admissão completa dos crimes por parte de seus autores e o pleno conhecimento dos atos por parte das vítimas. A pena dos criminosos é a condenação moral diante de toda a sociedade. A escola deve fazer uma reflexão nesta proposta colocada por Nelson. (OKABE, 2014, online).

No quarto e último comentário escolhido do blog, o usuário apresenta seu conhecimento sobre o tema e destaca a importância de aplicá-lo na escola.

Conheci a história do Umbutu na formação A Cor da Cultura em Osório-RS e não canso de reproduzi-la na escola quando inicio práticas voltadas à competitividade e ao esporte. Ela aguça a competição, fazendo, muitas vezes, com que nos choquemos com determinadas atitudes dentro do esporte. Acredito que a ampliação do olhar com relação às discriminações raciais nos tornam mais humanizados e nos permitem rever posturas que, muitas vezes, pareciam naturais, mas não são. Na escola onde atuo como professora, a questão é mais voltada à homofobia do que a questões raciais. Sabemos que é uma longa caminhada, mas estamos evoluindo a cada passo. (OKABE, 2014, online).

Verificou-se que, por meio dos comentários, as pessoas interagiram umas com as outras, complementando-se, seja com

mais informações, com exemplos realizados na escola ou com questionamentos sobre a temática. No primeiro e no quarto comentários, os leitores já conheciam o tema e falaram sobre como ele ajudou a formar seus alunos na sala de aula. Já o segundo comentário toca em um ponto importante: a interação com outros usuários, citando nomes e ressaltando o conteúdo do post. Por último, no terceiro comentário, a animadora da organização apresentou complementos sobre a temática e sugeriu mais informações, indicando fotos e links.

A possibilidade de se comunicar por meio de fotos e hiperlinks e dialogar com os usuários gera maior quantidade de comentários. A partir dos comentários apresentados, compreende-se que um sistema interativo é complexo por se relacionar com partes distintas, de forma simultânea e mutável (DOMINGUES, 2002). Com isso, o receptor, que antes era passivo, transforma-se em um agente da rede (VAZ, 1999) que recebe as informações e pode modificá-las, além de navegar com base em seu interesse.

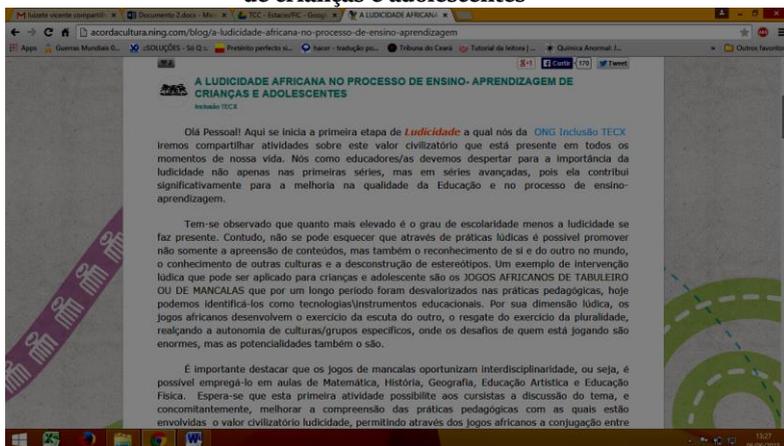
A quantidade de curtidas e de comentários das postagens também foi influenciada pelo tema do texto. Notou-se a aceitabilidade maior de alguns temas em relação a outros, para serem utilizados como instrumentos de produção de informação no ambiente escolar. Observou-se, também, que as postagens que abordam temas que auxiliam na produção de atividades diretas na sala de aula, como questionários, atividades extras e construção de objetos, foram as mais curtidas, comentadas e marcadas.

6. Postagens sobre a cultura afro-brasileira: ampliação da visibilidade social

O post “A ludicidade africana no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes”, por exemplo, explica o

que é uma mancala¹², para que ela serve e como se confecciona o jogo para utilizar com crianças e adolescentes (figura 4).

Figura 4 - Post “A ludicidade africana no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes”¹³



Para produzir os conteúdos, pensou-se na eficácia da informação, no grau de importância do assunto para os usuários, na capacidade de aprendizagem e na memorização. Isso ocorreu notoriamente nas postagens que utilizavam mais de uma ferramenta no formato dos seus posts.

Também foi constatado que as palavras-chaves influenciaram na escolha da leitura dos textos. A navegação e a organização do conteúdo permitiram que as palavras-chaves fossem mais utilizadas, para auxiliar na procura por mais informações sobre temas específicos, tais como: lei 10.639/03,

¹² Mancala é uma antiga família de jogos de tabuleiro envolvendo cálculos matemáticos e há inúmeras variantes. É uma versão do jogo de base, conhecido como duas fileiras, Mancala e Kalah.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO

¹³ Disponível em: <http://acordacultura.ning.com/blog/a-ludicidade-africana-no-processo-de-ensino-aprendizagem>.

Acesso em 11/07/2016.

cultura africana, diversidade, África, afro-brasileiro, a cor da cultura e educação.

Os resultados obtidos com as postagens das temáticas contribuíram com reflexões e com a realização de atividades que aprofundaram o conhecimento. Pôde-se perceber a dimensão do tema “cultura afro-brasileira” no blog em estudo, por meio da participação direta dos usuários, porém também se sabe que ainda existem problemas na produção e na divulgação desse tipo de informação nas mídias sociais. A pouca apreciação de conteúdos que valorizam a cultura negra influencia na falta de viralização do blog.

Bijker (2010, p. 72) fala sobre a construção e os processos sociais da tecnologia: “Tecnologia é socialmente (e politicamente) construída; sociedade (incluindo política) é tecnologicamente construída; cultura tecnológica consiste de conjuntos sociotécnicos.”

Sendo assim, é importante compreender a função do processo social, a fim de justificar o sucesso de alguma mídia social apenas em virtude do seu funcionamento. A visibilidade do blog, nesse caso, existe devido às participações ativas e contínuas de seus agentes. Mesmo reunindo em sua interface todas as possibilidades de comunicação, não se garante o sucesso e as funcionalidades da página, pois o objetivo é conectar-se com os outros agentes para criar possibilidades de compartilhamento sensíveis à causa. “O uso de uma tecnologia social é determinado muito pouco pela própria ferramenta: quando usamos uma rede, o mais importante ativo que temos é o acesso aos outros. Queremos estar conectados”. (SHIRKY, 2010, p. 14).

Diante disso, conclui-se que a temática das relações raciais tem pouco espaço no ambiente virtual, mesmo com o avanço das mídias sociais e com o acesso livre e ilimitado, pois a participação desses agentes na rede ainda é pequena e pouco visível do ponto de vista da apropriação de conteúdo.

Conclusão

O artigo apresentado foi uma experiência inicial sobre a construção das mídias sociais como ferramentas na produção de conteúdo referente às relações raciais e de sua contribuição ao exercício da cidadania. Procurou-se investigar como o blog “A Cor da Cultura” pode auxiliar no entendimento de conceitos sobre a temática, além de mostrar as narrativas inclusivas, enriquecedoras e, ao mesmo tempo, desafiadoras para promover a igualdade racial na sociedade brasileira. Devido à urgência de informação na Internet, as mídias sociais transformaram o conceito de interatividade em algo com grande produção e distribuição de conhecimento potencializado pelos usuários na rede.

Como resultados da pesquisa, observaram-se mudanças ocorridas na apresentação de temas que discutem a transformação dos conceitos e das concepções estereotipadas sobre a população negra. O ativismo digital conseguiu atuar estrategicamente em um contexto da comunicação convencional e gerou outras formas de produzir informação, auxiliando no exercício da cidadania da população negra.

O blog teve o papel de conectar esses agentes que trocam experiências e criam conteúdo na web, utilizando informações reais com instrumentos metodológicos adequados sobre a temática; promovendo a troca de valores culturais, geográficos e sociais na autoafirmação da população negra que contribuiu para a formação da sociedade brasileira; e apresentando o grande desafio frente à nova era digital. Também se discutiu as estratégias de comunicação dos movimentos sociais, a fim de fortalecer essas pautas, criando, assim, agentes de transformação das redes que podem realizar ações cotidianas, para atuar na eficaz divulgação do tema.

Verificou-se que existe a necessidade de levantar outros fatores, como o impacto desse conteúdo nas redes sociais; a troca de informações entre as organizações com as escolas da rede

pública; e as mudanças causadas pelos efeitos da produção de conteúdos sobre temas ligados à população negra.

Apesar dos números de acessos serem restritos, ainda foi possível investigar como os leitores do blog podem alcançar outros públicos e promover o intercâmbio entre os usuários da rede, propondo, dessa forma, um novo modo de ativismo digital, com a participação de outros atores sociais.

A partir daí, surge o questionamento sobre a viralização do blog, que ocorre de forma lenta e com pouca visibilidade. Uma tarefa que o ativismo digital negro precisa realizar é superar o modelo conservador e discriminatório com ferramentas diferenciadas e conteúdo acessíveis.

Por fim, conclui-se que o desafio é alinhar reflexões que auxiliem nas apresentações de narrativas atuantes na construção afirmativa das relações raciais nas mídias, além de constituir perspectivas, para criar outra consciência, promovendo novos paradigmas na sociedade brasileira, que contribuam para o efetivo exercício da cidadania da população negra.

Referências

- AGUILAR, Miguel Angel et ali. *Medios de Comunicacion y Cultura Política*. Editorial Pablo Iglesias, 1999, 302 p.
- ARAUJO JUNIOR, R. H.; CORMIER, P.; TARAPANOFF, K. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. *In: Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez. 2009.
- ASSAMANN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
- Futura, C. Blog “A Cor da Cultura”, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://acordacultura.ning.com/blog>. Acesso em: 11 mai. 2015.

- BIJKER, W. E. How is technology made? - that is the question! *Cambridge Journal of Economics*, v. 34, n. 1, p. 63-76, 2010.
- CARNEIRO, S. Blog A Cor da Cultura. Rio de Janeiro, 20 de mar. 2014. Disponível em: http://acordacultura.ning.com/blog/energia-vital-na-sala-de-aula-final=show?commentId=6632030%3AComment%3A16124&xg_source=msg_com_blogpost. Acesso em: 15 mai. 2015.
- DOMINGUES, D. *Criação e interatividade na ciberarte*. São Paulo: Experimento, 2002.
- FERREIRA, J.; VIZER, E. A. *Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus. 2007 .
- GOHN, M.G. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LEITE, F. R. R. A questão da palavra em sociedades negroafricanas. *In: Democracia e diversidade humana: desafio contemporâneo*. Salvador: Secneb, 1992.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.
- MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MATTAR NETO, J. A. *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva, 2003.
- OKABE, C. C. Blog A Cor da Cultura. Rio de Janeiro, 20 de mar. 2014. Disponível em: http://acordacultura.ning.com/blog/energia-vital-na-sala-de-aula-final=show?commentId=6632030%3AComment%3A16124&xg_source=msg_com_blogpost. Acesso em: 15 abr. 2015.

- OLIVEIRA, Valdir de Castro. A reconfiguração do espaço público nas ondas das rádios comunitárias. In Simpósio de Rádio e Cidadania na América Latina das Faculdades de Comunicação ABECOM e ECA/USP, de 23 a 26 de outubro de 2000 no Memorial da América Latina, em São Paulo, durante o Encontro Latincarneiroo-Americano das Faculdades de Comunicação Social, coordenado pelo Oboré Projetos Especiais em Comunicação e Artes.
- ORIHUELA, J. *La revolución de los blogs*. Madrid: Esfera Libros, 2006.
- PRIMO, A. F. T. Seria a multimídia de fato interativa? In: *FAMECOS: Mídia cultura e tecnologia*. Publicação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social - PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 6, p. 92-95, jun. 1997.
- SANTOS, M. F. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. In: *Revista Eletrônica de Educação*, v. 6, n. 1 Resenhas. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/291/156>>. Acesso em: 14 abr. 2015.
- SHIRKY, C. *Cognitive surplus: creativity and generosity in a connected age*. New York: The Penguin Press, 2010.
- VALENTE, N. S. S. *Blog A Cor da Cultura*. Rio de Janeiro, 20 de mar. 2014. Disponível em: http://acordacultura.ning.com/blog/energia-vital-na-sala-de-aula-final=show?commentId=6632030%3AComment%3A16124&xg_source=msg_com_blogpost. Acesso em: 15 abr. 2015.
- STORCH, L. S. *Bloggin News?* Uma análise das notícias online nos jornais e weblogs. 2006. 245 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2006.
- VAZ, P. Agentes na rede. In: *Anais do 8º encontro anual da Associação Nacional de Programas de pós-graduação em Comunicação*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Capítulo 11

O coletivo fora do eixo (mídia ninja): as impressões iniciais do ativismo em Fortaleza

*Ian Rebouças de Andrade*¹

O Coletivo FDE e a Mídia Ninja: apresentação e trajetória

Alguns coletivos e redes de comunicação alternativa ganharam maior notoriedade a partir das reivindicações e dos convites às mobilizações pela Internet. No Brasil, os jovens vêm sendo contagiados desde 2013 por um sentimento de mudança que perdura até os dias atuais (GOHN, 2014). A pesquisa foi iniciada no contexto da crise política brasileira e cenário de manifestações em Fortaleza no período de julho e agosto de 2016. Este trabalho vai mostrar o primeiro contato, a experiência de convivência etnográfica do pesquisador com “os Ninjas”.

O presente trabalho é derivado de um projeto de pesquisa onde se pretende pesquisar a Mídia Ninja de forma densa. O recorte do trabalho é focado no cenário político em que se encontrava o Brasil durante o afastamento de cento e oitenta dias da presidente Dilma Rouseff, após a abertura do processo de *Impeachment* e a aprovação por meio de votação no senado em maio de 2016.

A Rede Fora do Eixo (FDE)² é uma rede de comunicação alternativa. Tratam-se de coletivos culturais e de ativismo político-

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE)

² Originalmente, Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos, atuando na área da cultura em todo o Brasil, e em mais alguns países da América Latina. Inicialmente, focava no intercâmbio solidário de

digital que, nos últimos anos, chamaram a atenção dos meios de comunicação, da academia, da classe política, de aliados e de adversários na sociedade civil.

O FDE é uma rede ampla, autônoma e descentralizada que se articula em torno de produção cultural (através de festivais de música “autoral”, alternativos aos esquemas das gravadoras) e mobilização política (notadamente na defesa de causas sociais ditas polêmicas pela sociedade, como a defesa dos direitos das minorias, dos LGBTs, dos indígenas, dos trabalhadores, dos professores e outras causas associadas ao “movimento de esquerda”).

A casa Fora do Eixo Nordeste funciona em Fortaleza, Ceará, há três anos, sendo a única sede do coletivo na região, funcionando como uma produtora de eventos, produtora audiovisual e também sendo uma base de comunicação ativista, uma base da Mídia Ninja³ no Nordeste, fazendo parte, também, do coletivo Comunicadores pela Democracia⁴. A casa dos Fora do Eixo está localizada no centro de Fortaleza, em frente à Praça dos Leões e em cima do bar *Lions*.

O Fora do Eixo teve origem no compartilhamento de experiências entre coletivos de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR). Com início marcado em Cuiabá, onde quatro produtores culturais Pablo Capilé, Talles Lopes, Daniel Zen e Marcelo Domingues, criaram o “Espaço Cubo” em 2002, um dos precursores do Fora do Eixo, segundo seu site oficial

atrações e conhecimento sobre produção de eventos. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Fora_do_Eixo > Acesso em: 03 de Agosto de 2016

³ *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede descentralizada de mídia de esquerda, com atuação em mais de 150 cidades no Brasil. As transmissões da Mídia Ninja são em fluxo de vídeo em tempo real, pela internet, usando câmeras de celulares e unidades móveis montadas. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja > Acesso em: 03 de Agosto de 2016

⁴ “Os Comunicadores pela Democracia é um coletivo formado por jornalistas, publicitários, radialistas, comunicadores populares e ativistas digitais que defendem a Democracia, o Estado de Direito e o direito à comunicação no Brasil.” Trecho retidado da página do facebook Comunicadores pela Democracia Fortaleza. Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/ComunicadoresPelaDemocracia/about/?ref=page_internal > Acesso em: 13 de Abril de 2017

Foradoeixo.org.br⁵. Seu planejamento era coletivo, e suas atividades, colaborativas. O circuito, apropriando-se das novas tecnologias e reunindo diferentes coletivos culturais no país, expandiu suas atividades para além das artes cênicas, design, audiovisual e similares: criou a "rede das redes virtuais", fazendo com que surgisse uma reorganização social com a fundação das Casas Fora do Eixo, a partir de 2011.

Segundo a pesquisa de Bedê (2016) a Ninja surgiu em 2011, com o canal virtual “Pós-TV”, uma ramificação do circuito Fora do Eixo (o circuito é uma equipe que organiza eventos artísticos e dá visibilidade à artistas independentes que estão fora do tradicional eixo Rio-São Paulo). O FDE cresceu bastante, passando a trabalhar também com produção cultural e aliando-se a outros grupos e movimentos sociais, expandiu-se pelo Brasil e se instalou em algumas das capitais do país. A Mídia Ninja tem como fundadores o jornalista Bruno Torturra e integrantes do Fora do Eixo, como Pablo Capilé e Felipe Peçanha.

A Mídia Ninja teve um papel de extrema importância no que diz respeito ao momento de mobilizações quase generalizadas nas jornadas de junho de 2013, no Brasil⁶ (BEDÊ, 2016). As manifestações contra o aumento da tarifa da passagem de ônibus, e o Movimento Passe-Livre começaram por meados de março de 2013, mas ganharam maior força e cobertura contínua em junho de 2013, por exemplo, quando a mídia tradicional foca em imagens violentas das manifestações, com destaque para cenas de vandalismo e destruição.

A comunicação da Mídia Ninja é colaborativa, ou seja, os usuários compartilham e trocam informações, assim como põem a

⁵ Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/historico/> > Acesso em 02 de Agosto de 2016

⁶ “Quando um grupo de jovens se reuniu no dia 6 de junho na Avenida Paulista para contestar o aumento da tarifa de ônibus de São Paulo, ninguém poderia imaginar que aquele seria o marco zero da maior sequência de protestos no país desde o Fora Collor”. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml> > Acesso em: 12 de Agosto de 2016

informação no “ar” através dos dispositivos *mobile*, como Peruzzo (2013) conta no mesmo episódio das manifestações: “simples celulares ou *smartphones*, redes virtuais e o audiovisual alternativo municieram a sociedade com a informação em tempo real do que ocorria nas ruas pelo ângulo de novas fontes” (PERUZZO, 2013, p. 82)

Segundo Barreto *et al* (2014), a Mídia Ninja como comunicação alternativa, tem gerado “surpresas”. O período “Pós-TV”, como uma expressão do “neojornalismo” (sem editoria, sem pauta, sem patrão), enfrenta o monopólio das empresas jornalísticas, que parecem ameaçadas pelo modelo de operação da nova mídia (ação direta, liberdade radical, resistência e ocupação). Segundo Peruzzo (2013) a mídia tradicional ou “grande mídia” se viu perdida ao ver os acontecimentos fugirem ao seu esquema de pautas e coberturas. E viu na comunicação alternativa como fonte. Para a autora, a mídia alternativa favoreceu o exercício da liberdade de expressão, sem *gatekeepers*⁷, e em uma proporção imensurável devido a replicação das redes virtuais.

Alguns atos atualmente na pauta dos comunicadores da Mídia Ninja são: ato em defesa do SUS, Ceará do meu orgulho (causa sobre os direitos LGBTs), Ocupa Funai (direitos indígenas), atos em defesa do programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida” e o ato “Fora Temer”, que se popularizou na rede.

2. Métodos e técnicas utilizadas: impressões iniciais

A metodologia etnográfica foi escolhida para a convivência do pesquisador com a Mídia Ninja dentro da Casa FDE, em reuniões

⁷ “Gatekeeping é um conceito jornalístico para edição. Gate keeper é aquele que define o que será noticiado de acordo com [valor-notícia](#), linha editorial e outros critérios. Gatekeeper também pode ser entendido como o “porteiro” da redação. É aquela pessoa que é responsável pela filtragem da notícia, ou seja, ela vai definir, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado. Com a efervescência e até um certo modismo da prática do [jornalismo colaborativo](#), a função do gatekeeper tem sofrido alterações. A audiência cada vez menos passiva e mais participativa deixa a figura do mesmo menos centralizada, mas sem perder a importância na estrutura da construção da notícia.” Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gatekeeping> > Acesso em: 13 de Abril de 2017

dos comunicadores e acompanhamento das manifestações que os mesmos convidam a sociedade civil a participar.

A abordagem adotada para o início do desenvolvimento da pesquisa foi qualitativa, que tem como características essenciais: o ambiente natural com fonte direta de dados, o pesquisador como instrumento fundamental e o caráter descritivo. (GODOI, 2006)

O método utilizado será a etnografia. “A etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes” (MACEDO, p. 9, 2010). Nesse sentido, preocupa-se em conhecer o ser humano imergido em sociedade e cultura.

A etnografia deve produzir um conhecimento que aproxime o pesquisador das visões do grupo estudado e que ofereça “uma análise qualitativa sobre as categorias, estruturas sociais, interpretações, cosmologias e teorias ‘êmicas’” (BRAZZABENI, 2012, p. 489) e que se confronte com a construção dos significados por parte do antropólogo, de uma coerência entre seus discursos teóricos e as “impressões” pessoais dispersas e costuradas à pesquisa. Buscará equilibrar duas perspectivas metodológicas: “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) na tentativa de apreender a pluralidade de atores e de processos sociais, e “de fora e de longe”, a fim de buscar regularidades e categorias capazes de pôr em destaque relações sociais estruturantes. Um dos objetivos da etnografia, é “captar” conceitos da experiência próxima e estabelecer conexões com os da experiência distante – sendo a experiência próxima não reconhecida como contendo conceitos pelos nativos – e, a experiência distante, reconhecida exatamente por conter conceitos teóricos dos etnógrafos (GEERTZ, 1989).

A análise dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa sobre os temas de estudo, informações obtidas pela observação e nos diários dos encontros dialogais fundamenta-se em alguns princípios da proposta de análise de conteúdo de Bardin (2010), que especifica três etapas básicas no trabalho: pré-análise, descrição e

interpretação inferencial, este caminho por demonstrar afinidades com os princípios da “Etnopesquisa Crítica”.

3. Hipóteses e discussões levantadas

Parte-se das seguintes hipóteses para a realização da pesquisa: primeiramente, a Mídia Ninja, com uma nova dinâmica de comunicação, possui características de organização em rede, estrutura horizontal, diversidade de participantes, atributos que lhe conferem fluidez e capacidade de adaptação; em segundo lugar, pode-se afirmar que o coletivo FDE ilustra bem a emergência do paradigma de ações coletivas, que combinam ativismo virtual com ações concretas em espaço físico; em terceiro lugar, a Mídia Ninja, em Fortaleza, consegue veicular através da rede informações, notícias e promover discussões sobre temas, que geralmente são marginalizados pela mídia tradicional; em quarto lugar, as novas formas midiáticas de que se vale o FDE possuem autonomia, além de poder informativo e mobilizador, sem deixar de interagir com os veículos tradicionais, seja para criticá-los ou utilizá-los a seu favor, e, por meio de mensagens simbólicas, causar impacto sobre eles.

A formação de comunidades virtuais (CASTELLS, 2003), baseadas na comunicação *online*, foi interpretada como o culminar de dissociação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade. O autor vê a desterritorialização a partir das interações sociais nas redes, na formação de uma comunidade virtual. Nas redes sociais, as pessoas se encontraram, se descobrem e se mobilizam para algo, ou para uma afinidade em comum. A expressão “redes sociais” vem sendo utilizada para designar sites que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação no padrão egocentrado de relacionamentos.

A rede começa a ser aproveitada pelos movimentos sociais, que nela encontram um modelo apropriado de construção, abrindo e desenvolvendo canais de trocas sociais (CASTELLS, 2003). O fenômeno dos movimentos sociais, encontra, na rede, a capacidade

de interconexão, diversidade e coordenação, além de lhes ter permitido o engajamento em debates.

Para GOHN (2010, p. 150), “a internet tem sido o grande meio/veículo articulador de ações coletivas e movimentos sociais. Ela possibilitou a criação de redes virtuais que viabilizam conexões de grupos que nunca se encontraram fisicamente de fato.” Para a autora, um grupo que se identifica em rede, começa a se mobilizar e a se organizar estrategicamente, para se encontrar fisicamente.

4. Primeiras aproximações e experiências como observador participante

Em 2016, iniciamos nossos estudos sobre movimentos sociais e cidadania, do ponto de vista social e da democratização dos direitos. Presenciamos debates sobre política e surgiu o interesse em estudar o tema que relacionasse política e comunicação. Foi quando uma mídia alternativa à mídia tradicional despertou-nos interesse de pesquisa: a Mídia Ninja.

Nesses estudos, conhecemos outros pesquisadores que nos facilitaram o acesso ao coletivo FDE, que nos permitiu conhecê-los: um conjunto de comunicadores profissionais e amadores que se propõem a fazer eventos culturais, a trazer debate político, a ajudar na defesa de causas de minorias e que se propõem a se inserir nos movimentos sociais e fazerem sua cobertura, levando a informação sem edição à sociedade.

O material empírico para realização desta pesquisa foi coletado nos meses de julho e agosto de 2016, que marcam uma fase da política brasileira importante para as ações dos movimentos sociais: o dia 9 de agosto de 2016, particularmente, foi a data marcada para a segunda fase do julgamento do Impeachment da presidente Dilma, que esteve afastada desde março de 2016 e foi acusada de ter cometido crime de responsabilidade, ao editar decretos que ampliaram a previsão de gastos do Orçamento sem autorização do Congresso e pela

pedalada fiscal no Plano Safra, pago pelo Banco do Brasil. O período delimitado para coleta deste material empírico foram os meses de julho e agosto de 2016, que antecedeu ao desfecho do processo do Impeachment da ex-presidente da República, Dilma Roussef. O desfecho do processo foi no dia 31 de agosto de 2016.⁸

O olhar etnográfico (GEERTZ, 1973), adotado nesta fase do estudo apresentado, buscou compreender o fenômeno investigado através da observação de práticas e eventos. O processo de coleta de dados buscou preservar certo distanciamento crítico em relação ao objeto de estudo e compreendeu visitas durante dois meses (julho e agosto de 2016) à casa da FDE em Fortaleza, na participação em reuniões do coletivo. Acompanhamos duas manifestações nesses meses: as dos dias 31 de julho de 2016 e 31 de agosto de 2016.

A fim de documentar e compreender a perspectiva dos participantes do coletivo, foram também realizadas entrevistas semiestruturadas, documentadas em áudio e vídeo com uma integrante que participa da rede, com o objetivo de compreender a partir da visão desses integrantes, que se dispuseram a nos relatar suas vivências Ninjas e suas ideias sobre ativismo em rede. Os resultados dessas observações seguiram uma linha de tratamento analítico dos dados coletados que busca entender seus significados a partir das nuances presentes nas falas e nas ações dos informantes.

O primeiro contato foi no dia 30 de junho de 2016, quando o pesquisador entrevistou, conheceu e conversou com a Ninja Júlia, que concedeu uma entrevista sobre o que é a Mídia Ninja, o que é a

⁸ “O plenário do Senado aprovou nesta quarta-feira (31), por 61 votos favoráveis e 20 contrários, o impeachment de Dilma Rousseff. A presidente afastada foi condenada sob a acusação de ter cometido crimes de responsabilidade fiscal – as chamadas “pedaladas fiscais” no Plano Safra e os decretos que geraram gastos sem autorização do Congresso Nacional, mas não foi punida com a inabilitação para funções públicas. Com isso, ela poderá se candidatar para cargos eletivos e também exercer outras funções na administração pública.” Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html> > Acesso em: 28 de abril de 2017

casa Fora do Eixo e qual o objetivo da militância e mobilização que começa nas redes a partir da visão do coletivo.

Compreender como sua atuação, apoiada nas novas ferramentas midiáticas, vem contribuindo para a construção de um novo contexto de mudança social em Fortaleza é de grande importância, pois poderá facilitar o entendimento acerca da relação entre Internet - os movimentos sociais e conexão com a sociedade - mídia alternativa, em um cenário que parece atender, cada vez menos, às demandas por maior participação social. “Quer seja para manifestações artísticas e de lazer, quer seja para atividades econômicas e administrativas, ou para protestos sociais e concentrações, as praças centrais das cidades são marcos referenciais da própria história da humanidade” (GOHN, 2014, p. 90-91)

O pesquisador se aproximou do coletivo com permissão e foi bem recebido pelo FDE na sua casa. Após as entrevistas semi-estruturadas, registros em diários de campo, fotos, gravações de áudio, vídeos e trocas de contatos, o pesquisador foi convidado a uma série de reuniões e a se envolver com a Mídia Ninja de maneira militante.

O pesquisador compreendeu e relata que se envolver com a Mídia Ninja de maneira militante significa assumir alguns riscos, desde ficar “à frente” do movimento, até subir em cima de um trio elétrico na manifestação “Fora Temer”, por exemplo. Riscos de ações truculentas por parte da repressão policial em caso de vandalismo e descontrole da multidão. Situações essas que estão além do previsto pelo pesquisador e o coletivo.

Em 31 de julho de 2016, deu-se a primeira participação do pesquisador em uma manifestação, intitulada “Fora Temer”. Conhecemos vários grupos e coletivos, lutando por diversas causas. Dentre eles, os grupos e coletivos conhecidos no movimento: grupos feministas, grupos que defendem direitos de LGBTQs, direitos dos negros, direitos dos trabalhadores, direitos dos aposentados, movimentos estudantis que defendem bolsas nas universidades, entidades estudantis secundaristas, lutas a favor da

universidade pública, contra a privatização do ensino superior, movimentos de professores, movimentos dos trabalhadores sem tetos (MTST), comunicadores jornalistas pela democracia, pela liberdade de imprensa, etc.

Após entrevistar e registrar, no seu diário de campo, uma série de entrevistas com manifestantes, o pesquisador entendeu o porquê do "Fora Temer", que ameaça as causas sociais, educacionais, culturais e trabalhistas que por eles são defendidas.



Figura 1 - Fotografia de Ian Rebouças do ato Fora Temer no dia 31 de julho de 2016

O FDE é, segundo os próprios militantes do movimento, “uma forma ativista de fazer cultura”. Isso foi observado pelo pesquisador, ao conhecer sobre as produções culturais e artísticas do coletivo, as pautas defendidas e como unem cultura e arte com o protesto. O tema de uma pauta defendida pode gerar atos e eventos artísticos diversos derivados da causa. Uma forma de fazer ativismo. Para Sodré (2015), ativismo social por meio da cultura é

o que está ocorrendo agora com os jovens ativistas. Quer dizer, a cultura é um meio de fazer ativismo, “porque a política já está podre” (SODRÉ, 2015, p. 146). Para o autor, a cultura é um novo instrumento de dominação, porque a dominação pelo mercado se faz pela cultura. Trata-se de noção importantíssima para a clássica democracia representativa.

Para participar e “imersão” nessa cultura e na ideologia da Mídia Ninja, o pesquisador começou a participar de reuniões na casa Fora do Eixo e participar de reuniões virtuais no grupo Ninja Ceará no aplicativo Telegram⁹, onde também compartilham informações, material das manifestações e da cobertura jornalística.

Mergulhar nesse universo de militância e de discursos ideológicos é contagiante. É necessário aderir ao discurso, para se sentir parte do grupo, para lutar junto ao grupo. É necessário, para entender como o coletivo compreende as mudanças políticas, a repercussão e sucessão dos fatos.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1926, p. 4)

A comunicação da Mídia Ninja é colaborativa, ou seja, os usuários compartilham e trocam informações, assim como põem a informação no “ar” através dos dispositivos *mobile* conectados à rede por conexões 2G, 3G e 4G. O pesquisador participou da reunião do dia 8 de agosto de 2016 com “os Ninjas” do Ceará que foram convocados.

⁹ “O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem. O Telegram está disponível para smartphones ou tablets (Android, iOS, Windows Phone, Ubuntu Touch, Firefox OS), computadores (Windows, OS X, Linux) e também como Aplicação web. Os usuários podem enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, *stickers* e arquivos de qualquer tipo. O Telegram também possui criptografia ponta-a-ponta opcional. Os clientes do Telegram possuem código aberto, porém seus servidores são proprietários”. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Telegram_\(aplicativo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Telegram_(aplicativo)) > Acesso em: 24 de abril de 2017

Nesta reunião, debateram-se todos os temas e pautas dos próximos atos. Sempre com uma preocupação de conduzir e planejar os atos e de como será a produção de conteúdo: tornar público antes, durante e depois nas redes sociais e páginas, na internet.

Nas reuniões, que eram em formato de palestras, um líder conduzia uma espécie de treinamento, orientando os Ninjas e os novos Ninjas como se portarem, se comportarem e até houve um treinamento de como fotografar, gravar, tratar graficamente as fotografias e vídeos, subi-los de maneira instantânea e fazer transmissões em tempo real. Houve uma espécie de *workshop* onde foram dadas explicações sobre aplicativos e *softwares* livres que podem auxiliar os Ninjas “na missão”.



Figura 2 - Fotografia de Ian Rebouças na casa FDE, no dia 8 de agosto de 2016

O pesquisador, agora já devidamente treinado e preparado, participou do ato “Fora Temer” novamente no dia 31 de agosto de

2016 como Ninja, conectado com um dispositivo móvel à rede, que o deu suporte para “subir” imagens, vídeos e áudio de modo instantâneo, no grupo de Ninjas, no Telegram. Em seguida, outros Ninjas, que se encontravam na base física conectados por seus computadores, recebiam o material pelo aplicativo Telegram e já subiam as fotos, vídeos e textos no Facebook Nacional da Mídia Ninja, em questão de poucos minutos.



Figura 3 – Fotografias de Ian Rebouças e Poliana Uchoa. Disponível na página da Mídia Ninja Nacional, no Facebook, do dia 31 de agosto de 2016 ¹⁰

¹⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/710794839078664> > Acesso em 24 de abril de 2017

O ciberespaço alterou os modos de produção, as formas de circulação, as estratégias de consumo e compartilhamento da informação. Mais do que isso, a engenharia da informação distribuída pelas inteligências coletivas conectadas (LÉVY, 1999), como no caso que pudemos acompanhar da Mídia Ninja e sua base logística operacional no Fora do Eixo Nordeste, em Fortaleza.



Figura 4 - Fotografias de Ian Rebouças e Poliana Uchoa. Disponível na página da Mídia Ninja Nacional, no Facebook, do dia 31 de agosto de 2016 ¹¹

¹¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/710817912409690> > Acesso em 24 de abril de 2017

Os coletivos elaboram, estruturam e redefinem práticas sociais, se materializando em ritos, códigos, pertencas grupais, mobilização de recursos pessoais, familiares, institucionais e outros, onde o objetivo do coletivo gira em torno de construir um conjunto de valores e crenças relativas à solidariedade intra e intergrupar.

O discurso ideológico move grupos e agrega integrantes. Os jovens participam das manifestações independentemente da orientação político-ideológico que os motiva, sendo abertos às utopias, à cultura digital, revolta contra injustiças sociais e “antes de ocupar territórios do espaço físico, familiarizam-se com o espaço virtual, atuam no novo espaço social criado via o uso da internet” (GOHN, 2014, p. 84).

O pesquisador buscou participar e adentrar as manifestações e reuniões, colaborando com as discussões e tratando de temas políticos junto aos “Ninjas”. Segundo Malinowski (1922, p. 23), “o etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador activo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis”.

Após o período delimitado, o pesquisador continua sua pesquisa, contato e militância junto aos Ninjas. A fim de continuar sua pesquisa e compreender melhor o impacto dos seus atos na sociedade cível, na comunicação tradicional e no cenário de Fortaleza.

O pesquisador manteve e continua a manter contato com a central Mídia Ninja nacional e local através dos emails oficiais, para estar sempre incluído nas pautas e nas causas defendidas pelo coletivo.

Considerações finais

De acordo com os delineamentos teórico-metodológicos apresentados e com o objeto deste estudo, reforçamos a importância de se compreender a interação entre as novas

ferramentas midiáticas e os movimentos sociais, por ser um fenômeno que vem produzindo repercussões nos campos das relações sociais e inaugurando novas formas de se fazer comunicação e política.

Entendeu-se que a Mídia Ninja trabalha em equipe e que os integrantes sempre podem compartilhar quaisquer informações, material com os outros Ninjas e que isso poderá virar pauta/ produção de conteúdo para as redes e a página na internet, dependendo da discussão em pauta à época.

Sobre a produção do conteúdo, constatou-se, preliminarmente, que a identidade coletiva da Mídia Ninja garante uma continuidade da experiência nomeada como “nós” e revela sentimento de pertença. As práticas sociais têm intuito de materializar o sentimento de pertença a um conjunto de valores, crenças, interesses que definem a identidade coletiva de um determinado grupo (MAIA & CASTRO, 2006). O processo descrito pelo pesquisador define estratégias para mobilizar recursos, materiais simbólicos que são necessários à mobilização social, à continuidade da experiência coletiva. A identidade coletiva também define possíveis práticas cotidianas do grupo na construção de redes sociais.

A “Era da informação” (CASTELLS, 2003), que se refere, segundo o autor, ao período pós-popularização da Internet, tornou possível o encontro de pluralidades e narrativas, transformando-se em um campo de disputa entre diferentes atores políticos e movimentos sociais, que encontraram, na rede, um meio de mobilização eficaz.

Como Castells (2000) afirma, as identidades (necessárias na articulação dos movimentos sociais) organizam significados e podem ser classificadas como: legitimadoras, de resistência (criadas por atores que se sentem ameaçados), de identidades de projeto (forjadas por atores para construir uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e transformar a estrutura social).

Assim, constata-se a relevância de um estudo sobre os movimentos sociais inseridos no cenário político cearense e a relação com a comunicação tradicional e alternativa.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARRETO, Emilia [et al] (orgs.). *Mídia, Tecnologia e Linguagem*. Jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. 231p.
- BEDÊ, Isabelle Aguiar Paiva. *Redes Sociais, Jornalismo colaborativo e o impacto de um clique: mudanças de enquadramento do G1 nas jornadas de junho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Unifor - Universidade de Fortaleza. Curso de Jornalismo, Fortaleza, 2016. Orientação: Eduardo Nunes Freire. 84 f
- BRAZZABENI, Micol. Daniel Seabra Lopes, *Deriva Cigana: Um Estudo Etnográfico sobre os Ciganos de Lisboa* | Ruy Llera Blanes, *Os Aleluias: Ciganos Evangélicos e Música*, *Etnográfica*. 13 (2): 483-493 vol. 13 (2). Novembro de 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - poder da Identidade*, 2 a . Ed, São Paulo: Paz e Terra, 2000. v.2.
- _____. *A Galáxia da Internet: reflexão sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. – 1 – ed. , 1. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora LTC. 2008 [1926] 323 p.
- _____. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- _____. *Estar allí. La antropología y la escena de la escritura*. In: *El Antropólogo como Autor*. Barcelona: Paidós, 1989, p.11-34.
- GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. (org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

_____. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2010.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Coleção TRANS - São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação. Série Pesquisa, Brasília: Liber livro Editora, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 17, nº 49, 2002.

MAIA, Sousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. (Orgs.). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte. Editora UFMG, 247 p., 2006

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984 [1922]

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?) In: Revista MATRIZES. Ano 7 - Nº 2. Jul./dez. São Paulo – Brasil, 2013

_____. Comunicação nos Movimentos Sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: Revista Contemporânea. Salvador, UFBA, v. 11, nº1, p. 161-181, 2013.

SODRÉ, Moniz. Mídia, Ideologia e financeirização. In: Revista Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n.1, jan./jun., p. 134-157. 2015

Capítulo 12

A informação ambiental na construção da agroecologia¹

Notas sobre um estudo de recepção com assentados do MST

Isabelle Azevedo Ferreira

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em 1984, só na última década incorporou fortemente a questão ambiental ao projeto político do movimento. Da sua fundação até o começo dos anos 2000, o MST preocupou-se eminentemente com a regulamentação constitucional das desapropriações para a reforma agrária e a efetivação de que esta pudesse ser implementada.

Somente a partir de 2000, durante a realização do 4º Congresso do MST, é que o movimento vai intensificar o diálogo com a pauta ambiental. A questão ambiental passa a ser um novo elemento na disputa pelo projeto de sociedade que o MST quer construir, entendendo que a mudança entre as relações entre homem e natureza são fundamentais para a construção de uma

¹ Trabalho apresentado no GT 4 - Representação Social e Mediações socioculturais do VI Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, na categoria pós-graduação. UERJ, Rio de Janeiro, outubro de 2013.

nova sociedade. Em 2007, esta preocupação do movimento é ratificada nos documentos do 5^o Congresso Nacional do MST.

Diante deste novo contexto histórico vivenciado pelo movimento, o objetivo deste artigo é fazer um estudo de recepção com assentados/as do MST, do Assentamento Novo Mulungu (localizado próximo a cidade de Tururu, a 109km de Fortaleza), identificando o conhecimento que eles tem da questão ambiental e da agroecologia, entendendo ainda como os assentados, ligados ao MST se apropriam das informações sobre a questão ambiental. Ressalta-se que há a compreensão de que as informações podem advir de outros processos que, não necessariamente, estejam atrelados ao MST². Além disso, pretende-se conhecer os usos feitos destas informações no assentamento e de que forma estas contribuem para a implantação da agroecologia, modelo que vem sendo defendido pelo MST (BORGES, 2007; NEGRI, 2005).

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, portanto este artigo versa sobre notas introdutórias ao tema. Com isso, a proposta inicial foi de reconhecer o lugar a ser pesquisado, os sujeitos e a forma como recebem as informações e a produção agroecológica do local para, então, consolidar uma pesquisa que dê conta de responder, de fato, os objetivos apresentados. A metodologia foi formulada a partir da entrada do pesquisador em campo. Considera-se que há aqui um caráter de inserção etnográfica.

O assentamento Novo Mulungu, localizado em Tururu-CE, foi escolhido por ser de fácil acesso e porque utiliza os processos agroecológicos em sua produção, desenvolvendo a plantação a partir da técnica da Mandala³. No Novo Mulungu, são cinco

² O movimento tem empreendido campanhas e jornadas de luta como forma de dar visibilidade às lutas ambientais. A comunicação torna-se uma aliada na construção de uma agenda socioambiental. Além disso o MST tem forte atuação no campo da comunicação com a produção do jornal mensal “Sem Terra”, a revista bimestral “Sem Terra”, o programa de rádio “Vozes da Terra” e ainda o site do movimento (www.mst.org.br)

³ A técnica consiste no uso de diversas espécies que são plantadas de forma circular. A variedade da cultura atrai insetos polinizadores e controladores de pragas. A forma circular facilita ainda a adubação do solo e um melhor aproveitamento da irrigação.

grandes mandalas que plantam do abacaxi ao coentro, por exemplo. Quatro famílias tomam conta de uma das mandalas. No restante, 16 pessoas tomam conta das outras quatro mandalas, cada uma com um ou dois canteiros.

O assentamento possui 61 famílias assentadas de forma regular⁴, distribuídas em cinco agrovilas. Os moradores estão associados na Associação dos Trabalhadores livres de Capelão e Mulungu. A associação data da mesma época de implantação do assentamento, em 04 de abril de 1988. A luta pela terra nessa região contou inicialmente com a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e de alguns políticos ligados, à época, ao Partido dos Trabalhadores (PT). O assentamento tornou a fazer parte do MST somente em 1997⁵, ano marcado pelo caso conhecido como Ocupação da Avenida Bezerra de Menezes⁶.

2. Informação, meio ambiente e estudos de recepção

A informação sobre a questão ambiental sempre foi vista como um instrumento necessário para superar a crise ambiental planetária que é proveniente da exploração desordenada dos

⁴O assentamento possui famílias consideradas “agregadas”. Na maioria dos casos, são filhos e filhas dos assentados.

⁵A informação foi colhida em entrevista com Alonso Mota do Nascimento, de 81 anos, em janeiro de 2011. Alonso é o primeiro presidente da Associação.

⁶Sobre esse caso, Alencar&Diniz (2010) relatam o seguinte: "No período de 23 de novembro a 12 de dezembro de 1997 ocorreu uma grande ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) na avenida Bezerra de Menezes com cerca de 2 mil pessoas. As principais reivindicações previam a alfabetização de 5.722 jovens e adultos, a liberação dos recursos financeiros dos projetos de convivência com a seca, o acompanhamento técnico das áreas de assentamentos. Nessa manifestação várias viaturas policiais, cavalaria, polícia de choque, rabecões e ambulância foram deslocadas para a Avenida Bezerra de Menezes. O aparato policial proibiu a entrada e a saída de pessoas, inclusive, de água e alimentos para os acampados e na tentativa de furar o bloqueio, vários acampados ficaram feridos em confronto com a Polícia. O cerco foi uma estratégia do governador do Ceará, Sr. Tasso Jereissati, para tentar desmobilizar os manifestantes. Entidades e parlamentares ligados à luta em defesa dos direitos humanos denunciaram que o cerco foi um dos casos emblemáticos de violação de direitos humanos e da ação violenta por parte da polícia" (p.138)

recursos naturais e da forma como exercemos o conhecimento sobre a natureza. Neste sentido, ao longo do processo de construção de um pensamento ambiental, a informação foi considerada estratégica, inclusive para a formulação das políticas públicas na área ambiental. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo, adotou por vinte anos (1975 a 1995) a informação como base fundamental para os seus programas de educação ambiental sobre a premissa de que, ao se informarem sobre as problemáticas ambientais, as pessoas desenvolvem habilidades voltadas para resolvê-las (SAUVÉ, 2005).

A respeito disso, Taddei e Gamboggi (2011) afirmam que existe pouca evidência científica que sustente a hipótese de que apenas a informação seja o fator que induza a mudanças comportamentais. Desta forma, os autores refutam a ideia de que certos comportamentos ecologicamente negativos são resultados de "falta de informação". Eles sugerem que, para ter eficácia, as mudanças comportamentais e cognitivas devem relacionar-se com quatro dimensões da esfera sociocultural do seu interlocutor ou público-alvo. Segundo Taddei e Gamboggi (2011) são elas: as formas saliência, relevância, autoridade e legitimidade.

Na forma como saliência, é instituído uma relação entre o sistema de categorias usado pelo grupo para dar conta da realidade. A novidade e o estímulo à mudança surgem para se relacionar com este sistema de categorias. A relevância é a adequação desta novidade aos processos sociais às quais diz respeito (TADDEI E GAMBOGGI, 2011). Já autoridade "refere-se à credibilidade e a relações de poder, o que remete à dimensão política do problema" (idem, p.23) e legitimidade tem haver com a dimensão cultural do processo, quando se aplica a novidade ao sistema de valores.

Neste sentido, percebe-se que a mudança não está na ênfase informacional, mas no caráter relacional das questões e no

contexto histórico e conjuntural que elas ocorrem. Desta forma, os autores defendem que:

O trabalho etnográfico, e a atitude de abertura etnográfica que o caracteriza, apresenta-se como metodologia especialmente eficaz para investigar essas questões nas condições do contexto em que a ação social propriamente dita acontece. A etnografia, aqui, pode ser entendida como mais do que uma mera metodologia, mas tomada na sua acepção de diálogo intercultural. (TADDEI E GAMBOGGI, 2011, p. 24).

É nesse diálogo entre a informação/comunicação, a questão ambiental e o MST que está o campo de atuação deste artigo. Para tanto, adotamos o estudo de recepção como caráter norteador deste artigo, entendendo que:

Na pesquisa em comunicação, se manifesta a necessidade de conceituar de outra maneira os processos de comunicação e de explorar diretamente - e não somente inferi-los, como nos estudos de exploração - aos sujeitos que os protagonizam. Além disso, como havia assinalado vários autores (Jensen, 1987; Jensen y Rosengren, 1990; Orozco, 1991) analisar a recepção mais que uma moda é um modo de inquirir sobre a comunicação e sobre a produção de significados, isto é, sobre a criação cultural (OROZCO GÓMEZ, 2002, p. 16).⁷

Os estudos de recepção nascem atrelados ao contexto dos Estudos Culturais Britânicos, sendo a corrente mais recente de um longo processo de pesquisa que, ao longo da produção acadêmica, se propôs a investigar os efeitos da comunicação sobre as audiências. As correntes (pesquisa dos efeitos, pesquisa dos usos e gratificações, estudo de crítica literária, estudos culturais e estudos de recepção) são divididas em diferentes pressupostos teóricos, escolhas metodológicas e abordagens sobre a recepção.

⁷ Tradução da autora.

Com relação a esta abordagem, os Estudos Culturais proporcionaram uma reflexão mais ampla sobre a recepção dos meios, livrando-a de pressupostos reducionistas que colocavam um receptor numa condição de passividade e atribuía total poder aos produtores. Nesse sentido, Os Estudos Culturais passam a analisar a produção e a recepção da mensagem, tomando como referência a complexidade da prática social (LOPES, 1999). Ainda segunda a autora:

Os estudos culturais permitem uma problematização mais elaborada da recepção em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. O polo da reflexão é progressivamente deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integrados em práticas sociais e culturais mais amplas. (LOPES, 1999, p. 2)

Ainda no contexto britânico, a partir de David Morley, os anos 1980 inauguram a ênfase nos estudos de recepção dos meios massivos com abordagens sobre programas televisivos, séries de televisão e filmes. Segundo Escoteguy (2001), ocorrem mudanças também no que a autora considera como “protocolos de investigação”, já que as pesquisas passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico. Nos anos 1990, persistem estudos de recepção com ênfase nas questões sobre etnia, gênero, classe social.

No contexto da América Latina, também nos anos 1980, predominam nos estudos de recepção pesquisas cuja temática está associada a cultura popular. A partir de dois processos teóricos, o das mediações, com referência nos escritos de Jesús Martín-Barbero, e o da hibridização cultural cujo autor referencial é Néstor García Canclini, verificam-se a complexidade dos processos de recepção na vida cotidiana.

Orozco Gómez (2002), aponta três recorrências temáticas nas pesquisas de recepção dos meios: “Recepção Educação”, com o

objetivo de entender as mediações existentes na relação entre a família, os jovens e a escola; “Recepção e política” e “Recepção e Cultura”, ambos exploram as abordagens sobre usos sociais, identidade e gênero, principalmente nos estudos sobre telenovela.

Os primeiros estudos de recepção no Brasil são influenciados por esta vertente latino-americana dos estudos culturais. Contudo, estes primeiros estudos⁸ ainda não trazem Jesús Martin-Barbero como referencial teórico, mas apresentam influências marxistas e antropológicas (GROHMAN, 2009).

A telenovela também foi um gênero bastante pesquisado nos estudos de recepção no Brasil. Destaque para os trabalhos de Ondina Fachel Leal (1986), Nilda Jacks (1999), Lopes, Borelli E Resende (2002). Vale ressaltar que nestes estudos predominam uma perspectiva etnográfica como método. Segundo Oliveira (2011), “enfocando ora a etnografia familiar como base metodológica, ora a inspiração etnográfica como procedimentos para estudar grupos de receptores em suas vivências culturais no cotidiano” (p. 16).

Ainda segundo Oliveira (2011), ao problematizar o uso da etnografia nos estudos de recepção afirma que “a pesquisa de recepção colocou a comunicação diante da pesquisa de campo, de modo a dialogar com a pesquisa etnográfica. Porém a etnografia não pode ser questionada por um caráter empírico apenas” (p. 20). Neste sentido, a autora defende o uso da etnografia nas pesquisas em que, por conta da complexidade do objeto, é necessário conhecer as relações entre a comunicação, a cultura e os sujeitos/receptores. Entretanto, esse uso deve ser feito de forma mais processual, seguindo o rigor que os códigos do método exigem, como por exemplo, assumindo a “consciência do fazer etnográfico”, assumindo a etnografia do método e não apenas técnica de investigação e uma maior permanência do pesquisador

⁸Estes estudos são os de Carlos Eduardo Lins da Silva e Ondina Fachel Leal, frutos, respectivamente, de uma tese de doutorado, defendida em 1984, e de uma dissertação de mestrado, defendida em 1983 (GROHMAN, 2009).

em campo. Desta forma, diante dos códigos que o método etnográfico impõe, essa pesquisa não se assume como de todo etnográfica, mas apenas de inserção etnográfica.

Ainda dentro da perspectiva de caracterizar os estudos de recepção no país, no levantamento feito por Nilda Jacks Et Alii (2002)⁹ sobre a produção acadêmica dos estudos de recepção no Brasil nos anos 1990, os autores apontam oito trabalhos cuja pesquisa é realizada a partir da análise da recepção dos meios de comunicação com pequenos agricultores. Em linhas gerais, os trabalhos investigam como as informações veiculadas por um produto específico de um grande meio de comunicação de massa, são apropriadas por uma comunidade rural, entendendo que estes lugares possuem especificidades socioculturais e estão submetidos a uma realidade diferente da vivenciada nas grandes cidades.

Embora não haja estudo semelhante sobre a produção acadêmica nos anos 2000, destacamos alguns trabalhos em que o meio rural é o alvo dos estudos de recepção. Há aqui uma perspectiva mais próxima da pesquisa realizada para este artigo: a relação entre recepção, comunicação e meio ambiente no meio rural. Kolling (2006) investiga a recepção das informações ambientais a partir do programa globo rural. Para isso, a autora pesquisa em três famílias do município de Santa Rosa as mediações que constituem essa recepção. Já o trabalho de Neuls (2011), "propõe uma discussão sobre o processo de apropriação de informações sobre sistemas agroflorestais por assentados da amazônia mato-grossense (...)" (p. 7).

De uma maneira geral, os trabalhos que caracterizam os estudos de recepção levam em conta a perspectiva das mediações de Martín-Barbero (2008) em que a comunicação e a cultura dialogam em um amplo contexto social de apropriação e a

⁹ A pesquisa da autora está baseada nos resumos divulgados pela CAPES, a partir dos anos 1992, e de levantamentos publicados pela Revista Brasileira de Estudos da Comunicação Intercom (n°62/63;n.64;n.65;Vol.XV/n°1e 2;Vol.XVI/n°1e 2;Vol.XVII/n°1e2) e consultados nos acervos de comunicação da USP e PUC-SP.

reapropriação da realidade a partir dos processos comunicativos. O rural ganha destaque pela especificidade sociocultural e por debater temas que lhe são peculiares como a questão ambiental. Diante disto, este artigo torna-se mais singular por tentar associar este processo de recepção ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra cuja especificidade está na luta pela reforma agrária e na implantação de um modelo de agricultura que alia preservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico.

3. Caracterizando a entrada em campo e a metodologia

A primeira ida ao assentamento Novo Mulungu ocorreu no dia 07 de dezembro de 2012. Logo no desembarque, a primeira dificuldade que a região enfrenta: o acesso a telefonia móvel. Não tinha, portanto, como se comunicar com o interlocutor da pesquisa. A cidade conta apenas com uma operadora de telefonia que só tem atuação na sede da cidade. No assentamento mesmo, o sinal da operadora cobre uma parte da estrada que liga o vilarejo ao município. Os moradores precisam ir até lá para fazerem alguma ligação. Poucos fazem uso de celular ou telefone fixo, já que não nem um orelhão telefônico na comunidade. Com isso, não há interatividade sequer com o rádio, meio bastante difundido na comunidade. Internet também não existe na localidade, embora alguns moradores disponham de computador.

Transporte é uma outra dificuldade na região. Os moradores fazem o percurso de 6km do assentamento a cidade geralmente a pé, de bicicleta, moto ou carroça. Quem tem carro geralmente só empresta para alguma emergência como levar um doente a um hospital. Quando é tempo de casamentos, novena ou festa da padroeira¹⁰, os assentados alugam um caminhão pau-de-arara para levar o pessoal à igreja. Não há paróquia ou capela no assentamento.

¹⁰Por coincidência, no dia em que cheguei à localidade, era época do novenário de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Tururu.

Embora a primeira visita fosse apenas para conhecer o lugar e os sujeitos de pesquisa para, só então, fazer uma opção metodológica consistente com as reflexões sobre o objeto, esta ida ao campo já estava amparada na possibilidade da realização de uma inserção etnografia.

Destaca-se algumas características que permitem confirmar o caráter de inserção etnográfica do trabalho como o estudo personalizado, ou seja, "conduzido por pesquisadores que, no dia a dia, estão face a face com as pessoas que estão estudando e que, assim, são tanto participantes quanto observadores das vidas em estudo" (ANGROSINO, 2009, p.31). Outra característica é o fato de ser multifatorial, de forma que é "conduzido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta, de dados – os quais podem ser de natureza qualitativa ou quantitativa – para triangular uma conclusão, que pode ser considerada fortalecida pelas múltiplas vias com que foi alcançada" (ANGROSINO, 2009, p.31).

Desta forma, dentro da perspectiva da multifatorialidade destacada por Angrosino (2009), destaca-se aqui o uso da observação participante – que será recorrente ao longo da pesquisa – e da entrevista antropológica ou não-diretiva como perspectiva para a coleta de dados sobre os sujeitos e o lugar. Como afirma Guber (2005), a observação participante consiste em duas atividades principais. A primeira é de observar de forma sistemática e controladamente tudo aquilo que acontece em torno do investigador e, em segundo, participar tomando parte de atividades realizadas pelos membros de uma população de estudo. Dentro do primeiro contato com o assentamento, a proposta de investigação aproxima-se da categoria proposta por Angrosino (2009) do papel de "observador-como-participante", definido pelo autor da seguinte forma:

O pesquisador faz observações durante breves períodos, possivelmente visando a estabelecer o contexto para entrevistas ou outros tipos de pesquisa. O pesquisador é conhecido e

reconhecido, mas relaciona-se como os 'sujeitos' da pesquisa apenas como pesquisador (p.75).

Já a entrevista não-diretiva consiste em abordar as temáticas de maneira informal, sem deixar limitar-se por perguntas previamente determinadas como acontece nas entrevistas convencionais. Neste sentido, a informalidade da entrevista não-direta permite uma maior interação entre pesquisador e sujeitos. Conforme Guber (2005):

A Reflexividade no trabalho de campo, e, particularmente, na entrevista, pode ajudar a diferenciar contextos, detectar permanentemente a presença de quadros interpretativos do pesquisador e os informantes na relação, para elucidar como cada um interpreta a relação e suas declarações, talvez também seja possível estabelecer uma ligação entre os dois universos progressistas, mas não como resultado de observações sozinho, mas processo de aprendizagem em geral no campo. (GUBER, 2005, p. 138, tradução nossa)

Durante a estadia no assentamento, esta pesquisadora ficou hospedada na casa do presidente da Associação dos Trabalhadores livres de Capelão e Mulungu, Raimundo Nonato, o Raimundinho. Isso possibilitou conhecer um pouco da rotina da família que é composta pela Mãe de Raimundinho, a Nonata, a vó Dolores e o pai Raimundo. Raimundinho possui ainda três irmãs, todas casadas. Apenas duas delas moram no assentamento. A mais nova mora em Fortaleza. Teve que se mudar do assentamento graças as normas da associação que proíbe a moradia das mulheres que casam com homens cujo família não pertence ao assentamento. A informação surgiu em uma dessas primeiras conversas informais, em que conversava com Natália, irmã mais velha de Raimundinho, sobre a organização das instituições no assentamento. Como afirma GUBER (2005), esta é uma das funções da entrevista não-dirigida:

(...) Ele pede ao informante para apresentá-lo em seu universo cultural, para lhe dar pistas para descobrir as passagens que lhe

permitem entender sua lógica, e isso inclui um novo ritmo de encontro, novas prioridades temáticas e expressões categóricas (GUBER, 2005, p. 138 e 139, tradução nossa).

Esta informação – sobre a condição da mulher – despertou atenção para observar as relações de gênero existentes no assentamento, visto que, há uma visibilidade do MST sobre a relação das mulheres com a questão ambiental, em especial durante o 08 de março, dia Internacional de Luta das Mulheres, em que a pauta ambiental tem sido constantemente discutida.

Na segunda visita feita ao assentamento, no dia 18 de janeiro de 2013, essa questão voltou a aparecer quando as minhas interlocutoras reclamaram da participação das mulheres nas mandalas. Uma delas contou-me que, quando da chegada do projeto, os homens afirmavam que “aquilo não era coisa pra mulher”.

As entrevistas não-diretas também permitiram reconhecer as dificuldades do assentamento em criar uma identidade com o MST. Como o lugar está inserido no contexto do movimento há pouco tempo, visualmente há poucos elementos que ligam o lugar ao MST. Com exceção da pintura representando a bandeira do movimento na parede da sede da associação, um cartaz afixado na sala da casa de Raimundinho também mostrava a ligação do movimento com o lugar. A ligação do assentamento com o MST acontece ainda de forma muito vertical, ou seja, é um diálogo entre as lideranças.

Como já dito, a estadia na casa permitiu conhecer um pouco da rotina da casa e do consumo cultural da família que me hospedou. A casa possui uma televisão, um rádio e um computador, embora não haja internet. Nas visitas, percebeu-se que a televisão era ligada apenas para assistir às novelas da globo e em dois horários: à tarde, com a reprise no horário do chamado “Vale a pena ver de novo”; e à noite, com a exibição da novela das 21 horas¹¹.

¹¹Na ocasião estavam no ar as novelas “Da cor do Pecado” e “Salve Jorge”, ambas da Rede Globo.

Neste último caso. A exibição da novela era facultativa, uma vez que os vizinhos gostavam de se reunir no terreiro para conversar sobre as últimas novidades do local. A criançada também se reunia para brincar de bola e outros jogos. Já os jovens, das vezes em que se esteve no assentamento, se reuniram para assistir filmes em DVD. No contexto da família em que a pesquisadora estava hospedada, percebeu-se que o rádio era um elemento pouco utilizado, sendo aplicado apenas para músicas. Dona Nonata, mãe de Raimundinho e representante do assentamento no Sindicato Rural da região, informou, também durante entrevista não-direta, que gostava de ouvir o programa que o sindicato possuía, sendo transmitido durante a semana¹².

Embora essas técnicas de investigação tenham feito acessar à comunidade e a cultura do lugar, houve uma dificuldade de ter acesso aos demais assentados, principalmente, aqueles que trabalhavam diretamente com a produção agroecológica. Além disso, não foi possível circular pelo assentamento, uma vez que as agrovilas são ligadas por estradas desertas. Só era possível sair acompanhada de alguém da região. Um pouco por precaução da família e um pouco de cuidado a segurança. Isso atrapalhou a entrada em campo.

Uma outra dificuldade foi com relação a dinâmica do próprio lugar. Das vezes em que se esteve em campo, a opção foi em ir durante o período do fim de semana, com chegada na sexta-feira de manhã e saída no domingo à tarde. Contudo, a comunidade tem uma dinâmica muito própria. Sexta e sábado é dia de ir à missa, tirar o terço em alguma casa ou simplesmente acompanhar a novena na cidade. O domingo é dedicado aos campeonatos amadores de futebol, em que os assentados assistem ou são jogadores, e aos banhos nas lagoas e rios próximos, uma vez que a comunidade é bem servida de rios e, principalmente nascentes d'água.

¹²Não tive a oportunidade de acompanhar o programa em nenhum dos momentos em que fui ao assentamento.

Para superar a dificuldade inicial, a alternativa foi preparar um questionário para orientar uma entrevista diretiva estruturada com os assentados. O questionário com 22 questões versou sobre as características da produção do lugar, a agroecologia, sobre o consumo dos meios de comunicação de massa, a atuação do assentado no MST e o acesso às mídias produzidas pelo movimento. A entrevista foi realizada com oito pessoas. Além disso, um segundo questionário foi elaborado para orientar uma entrevista semiestruturada com um número menor de participantes. Neste caso, duas pessoas foram entrevistadas, sendo um homem e uma mulher que trabalham diretamente com a produção agroecológica. O critério de escolha deu-se pelas menções que os assentados faziam a estas pessoas.

De uma maneira geral, identificou-se através dos questionários quatro aspectos relevantes para a pesquisa. A primeira é a ausência de informações capaz de municiar um discurso sobre a produção orgânica. Os assentados sabem que o produto sem o veneno é o mais procurado na feira, mas não apontam razões ideológicas para isso. Na verdade, a maioria já cultiva a lavoura sem o uso de veneno desde muito tempo. Um ou outro fez uma tentativa de utilizar o agrotóxico: “É um abalo grande. Um dia fui pulverizar um feijão e passei mal. Às vezes é bom porque mata logo o inseto” (NASCIMENTO, Raimundo. Janeiro de 2013).

A segunda questão apontada pela entrevista é que a televisão é o meio de comunicação mais acessado pela comunidade. Quando perguntados se existia algum programa específico sobre agricultura e meio ambiente que eles assistiam, o Globo Rural era prontamente lembrado. Produzido pela Rede Globo de Televisão desde os anos 1980, o telejornal vai ao de segunda à sexta e aos domingos, sempre de manhã cedinho. Embora o programa seja quase todo dia, o domingo é o dia associado ao programa pelos assentados.

Um outro fator importante apontado pelo uso das entrevistas é que não há a circulação das mídias produzidas pelo

MST dentro do assentamento. A grande maioria nunca viu sequer um material produzido pelo movimento.

Por fim, através das entrevistas estruturada e semi-estruturada constatou-se que a informação sobre meio ambiente, agricultura e agroecologia circula de forma muito incipiente. A mediação aqui está longe de ser feita por qualquer tipo de meios de comunicação (considerando aqui também os produzidos pelo MST). O que há é um processo de mediação proveniente da oralidade e do saber local. Cultivam aos modos da tradição da agricultura familiar que, neste assentamento, não foi afetada, portanto pela agricultura moderna. Isto tem a ver também como a produção é feita, uma vez que, a maioria cultiva para consumo próprio, vendendo apenas o excedente. As sementes e o esterco também são produzidas pela própria comunidade, não havendo dependência das empresas.

4. Considerações sobre o assunto

A pesquisa nos apontou que a informação – de um modo geral – não está no cotidiano do assentamento. Isso não significa que os assentados não tenham consciência da necessidade de preservar o meio ambiente, e tampouco, não saibam o valor do que está sendo produzido. Ao contrário, as mediações feitas através do saber local associado a oralidade tornam possível a construção de um processo agroecológico no assentamento Novo Mulungu. Vale ressaltar, porém, que não há um processo de criticidade sobre o que está sendo construído. Há, na verdade, a repetição de uma tradição, em que a criticidade já está consolidada.

Apesar do caráter exploratório da pesquisa, com poucas idas ao campo, e com as dificuldades de estabelecer um amplo diálogo com o assentamento, a pesquisa tem seu valor para entender o contexto da recepção e das mediações no ambiente rural. Percebe-se que a inserção etnográfica é uma escolha metodológica interessante para entender melhor as relações constituídas entre a

informação ambiental e os assentados. Entretanto, consideramos que é necessário ampliar a entrada em campo e utilizar-se de outras estratégias para fazer um melhor mapeamento das mediações que não foram percebidas nas entrevistas.

Referências

- ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de; DINIZ, Aldiva Sales. MST – Ceará, 20 anos de marchas. Mercator - volume 9, número 20, 2010: set./dez.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BORGES, Juliano Luis. A transição agroecológica no MST. 01/07/2007. 183p. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2007.
- ESCOTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. IN: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.151-170.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Recepción y mediaciones: casos de investigación en América Latina. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- GROHMAN, Rafael do Nascimento. O Receptor como Produtor de Sentido: estudos culturais, mediações e limitações. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação: São Paulo, Ano 2, Edição 4, Junho-Agosto de 2009.
- GUBER, Rosana. El Salvaje metropolitano; reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2005.
- JACKS, Nilda et al. Estudos brasileiros de recepção: A produção acadêmica da década de 90. Porto Alegre: PPGCom/UFRGS, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediações na Recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais. ALAIC – Asociacion Latino-americana de Investigadores de la Comunicación. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/17gt/Immacolata.doc>>.

- KOLLING, Patrícia. A recepção das informações jornalísticas ambientais do programa Globo Rural: os sentidos produzidos por agricultores familiares do município de Santa Rosa. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do rio grande do sul, Porto Alegre, 2006
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- NEGRI, Paulo Sérgio. A identidade ecológica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: o caso do assentamento Dorcelina Follador, Araçongas, Paraná. Londrina Paraná, 2005. Mimeo.
- NEULS, Gizele Souza. Agroflorestas Possíveis: comunicação e apropriação de informações por assentados em MT. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do rio grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- OLIVEIRA, Catarina Farias. O visível e o invisível: Apropriações da comunicação no assentamento Itapuí/RS. Porto Alegre, 113p. Trabalho Não-publicado.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes de educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (ORG). Educação Ambiental: política e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- TADDEI, Renzo; GAMBOGGI, Ana Laura. Etnografia, meio ambiente e comunicação ambiental. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 8, n. 2, p. 09-28, 2011

Entrevistas

- NASCIMENTO, Raimundo. Janeiro de 2013.